

**Exército, Marinha e Aeronáutica Coesos Contra a Ação Subversiva**

**Contra Todos os Movimentos Tendenciosos ou Subversivos**

**GOULART ACEITA O PARLAMENTARISMO**



**Sómente a Polícia Teve Acesso ao Navio Que Leva PEDRAS CONTRA JATO DE ÁGUA**

Em Nota Oficial, o Ministério da Guerra Destaca Que Apenas o III Exército Permanece em Rebelião (NA SEGUNDA PA)

**O GLOBO**  
FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO  
Diretor-Geral: ROBERTO MARINHO  
Diretor-Executivo: RICARDO MARINHO



**SENTADOS CONTRA A**

**Imprensa Moderna Democrática**

**FIM DA**

**NÔVO GOV**

**BADGER NA BAIXA DOS PISTOLEIROS**



**POLÍTICA FURINHEIRA CRIME CONTRA OS TRABALHADORES**

**REAÇÃO CAPITULO MAIS DO QUE GANHO, VALE DO CONGI**

**MALHAR JUDAS LEIA EM 'UM' REVISTA**

**Última Hora**

**PELA BÓCA**

**acabana Pista de Santo Cristo**

**Nôvo Ministro da Marinha Empossado e Marinheiros Liberados**



# HISTÓRIA E

# IMPREENSA:

# O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964 ATRAVÉS DOS JORNAIS

**10.000 Sargentos Aclamaram o Presidente no Automóvel**

**JANGO:—Eu Não Permitirei Desordem em Nome da Ordem**

**DECISÃO DE JANGO RESOLVEU A CRISE**



**A SAÍDA**



**LUANA DOS ANJOS PEREIRA**

**Clube Militar na R**





@ Luana dos Anjos Pereira

Todos os direitos são reservados à autora.

Edição e diagramação: Bruna Heller

Textos: Luana dos Anjos Pereira

Orientação: Prof. Dr. Yuri Costa

Ilustrações retiradas do Canva Premium.

Livres para reprodução.

1ª edição, março de 2024.

Pereira, Luana dos Anjos.

História e Imprensa: O Golpe Civil-Militar de 1964 através dos jornais / Luana dos Anjos Pereira. – São Luís, 2024.

--- f.; il

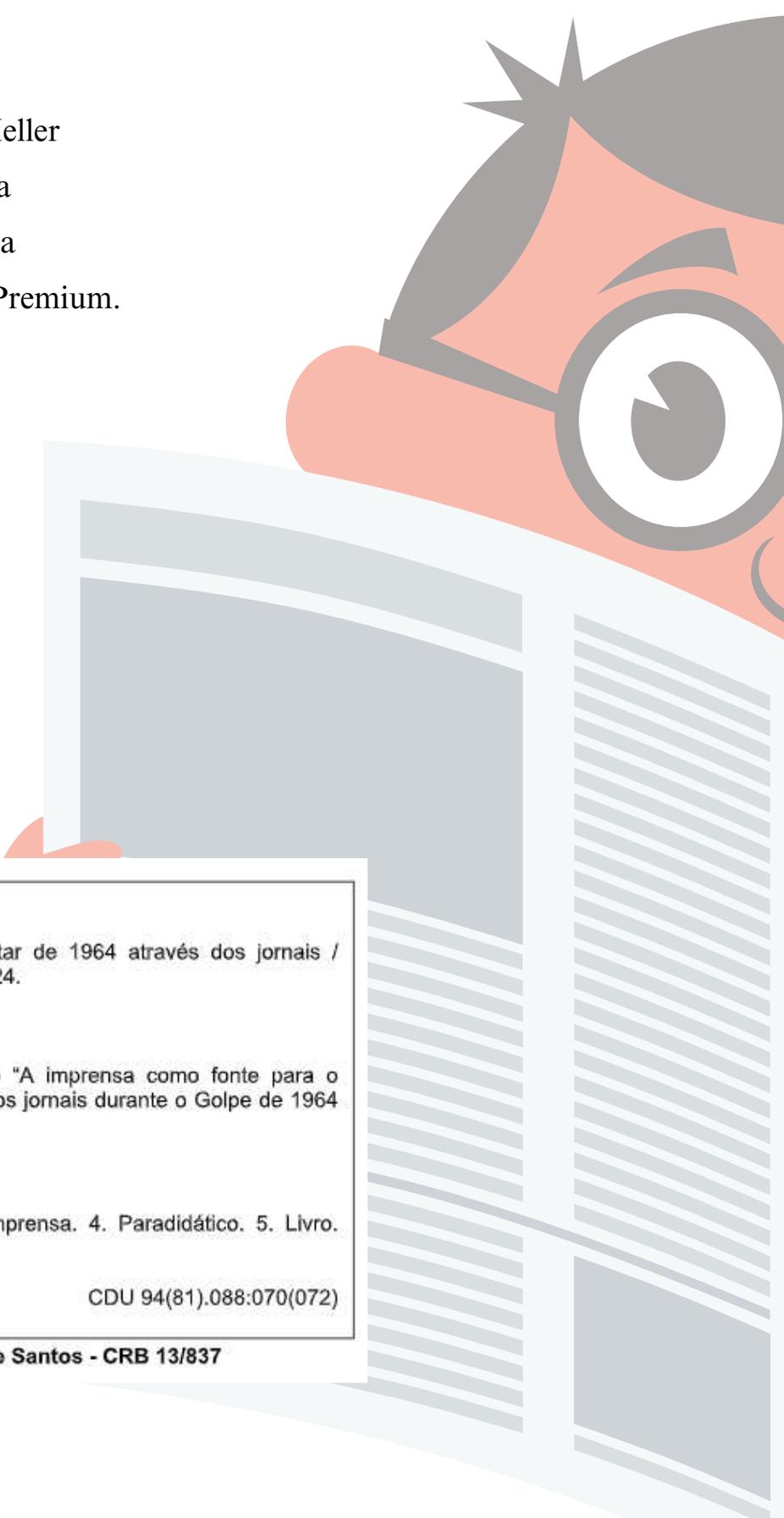
Produto Educacional da Dissertação "A imprensa como fonte para o ensino de história: análise do discurso dos jornais durante o Golpe de 1964 através d'O Globo e da Última Hora".

Orientação do Prof. Dr. Yuri Costa.

1. Golpe de 1964. 2. História. 3. Imprensa. 4. Paradidático. 5. Livro.  
I.Título.

CDU 94(81).088:070(072)

Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837



## APRESENTAÇÃO



Querido (a) estudante,

É com grande satisfação que apresento este livro paradidático e lhe convido a embarcar comigo nessa viagem, com o objetivo de aprender mais sobre a História do Contemporânea do Brasil, especificamente sobre o golpe de 1964. Se você já estudou tal conteúdo na escola, provavelmente já leu a expressão “golpe militar”. Qual pensamento vem à sua cabeça quando lê essa expressão? Provavelmente, algumas das palavras são como: militares, ditadura e repressão. Contudo, a articulação do golpe também teve apoio e participação de civis, ou seja, de não militares. Este paradidático busca exatamente apresentar uma narrativa histórica que compreenda de que forma o golpe se desenrolou e de que forma ele foi articulado.

Aqui será apresentada a forte presença da sociedade civil no golpe e também desmistifica alguns termos que provavelmente você já ouviu falar. Além disso, você verá como pode ser interessante aprender História através das fontes jornalísticas, percebendo que o nosso passado responde a muitos questionamentos que ainda fazemos no presente.

A cada capítulo deste livro, você terá a possibilidade de conhecer e aprofundar mais seus conhecimentos sobre a configuração do golpe de Estado. Espero que os conteúdos ensinados aqui contribuam com a sua formação.

Então, vamos nessa?

**À AUTORA**



## INTRODUZINDO SEU LIVRO PARADIDÁTICO

O seu livro está organizado da seguinte maneira:

No capítulo um, teremos o nosso primeiro contato com o conceito de golpe de Estado. Apresentaremos a discussão que surgiu a partir da historiografia do golpe de 1964. Além disso, explicaremos de que forma o conceito de golpe foi abordado pela História. Neste capítulo, você também aprenderá sobre a resistência em aceitar o termo golpe de 1964 por parte de outras narrativas. Verá, ainda, como os jornais se tornaram importantes fontes históricas e como é possível utilizá-los para refletir e aprender sobre a História.

No segundo capítulo, você entenderá como ocorreram as eleições que levaram Jânio Quadros e João Goulart aos cargos de presidente e vice-presidente e de que forma se configuraram as tensões políticas e sociais nos anos de 1961 e 1962. Além disso, compreenderá como se deu o início do governo de João Goulart, suas propostas de governo e a intensificação da campanha, por parte de alguns políticos, instituições e parcela da sociedade civil, visando desestabilizar o seu governo. Também será abordado o funcionamento da diagramação e organização dos jornais impressos.

No terceiro e último capítulo, aprenderá sobre as articulações de parcela da sociedade civil e dos militares nos anos de 1963 e 1964. Discutiremos as medidas do governo de João Goulart, seus comícios em prol da aprovação das reformas, a articulação dos militares e a resistência ao golpe por parte dos movimentos de esquerda, bem como o apoio popular ao presidente. Nesse capítulo, também veremos como a imprensa se envolveu no golpe de 1964.

A seguir, serão apresentadas as seções que auxiliarão e ampliarão o seu aprendizado ao longo dos três capítulos.



## EXPLORE

Pesquise mais sobre determinado tema a partir de uma atividade de pesquisa na internet ou em outros materiais com outros alunos.



## UM GIRO NOS JORNAIS

Analise o tema do respectivo capítulo a partir dos jornais.



## A HISTÓRIA NOS JORNAIS

Conheça os jornais como fonte, aprenda mais sobre a sua produção e a participação da imprensa no golpe.



## GLOSSÁRIO

Aprenda o significado de palavras ou expressões utilizadas no texto que talvez não seja familiar.



## O PASSADO NO PRESENTE

Analise a conjuntura política ou social que está sendo discutida e saiba mais sobre algum acontecimento recente ou posterior ao período que pode estar relacionado.



## APLICANDO O CONTEÚDO

Coloque o seu conhecimento em prática ao final de cada capítulo.



## CONEXÕES HISTÓRICAS

Estude o conteúdo através de sites, livros, filmes, podcasts, documentários.



## BIOGRAFIA

Saiba de qual personagem histórico estamos falando.

# SUMÁRIO

ACHE-SE AQUI!

6

CAPÍTULO I

GOLPE DE ESTADO: UM PASSADO RECENTE

---

24

CAPÍTULO II

ANTECEDENTES DO  
GOLPE DE 1964

---

51

CAPÍTULO III

O GOLPE DE 1964: “NÃO PERMITIREI A  
DESORDEM EM NOME DA ORDEM”  
(1963-1964)

---





# CAPÍTULO I

**GOLPE DE ESTADO:  
UM PASSADO RECENTE**



Apesar de você  
Hoje você é quem manda  
Falou, tá falado  
Não tem discussão (...).  
Apesar de você  
Amanhã há de ser  
Outro dia



Certamente, hoje em dia, é comum ouvirmos músicas que retratam a nossa sociedade atual. A música é uma forma de conectarmos os nossos pensamentos, sentimentos e angústias com o mundo real e compartilhar com outras pessoas. Além disso, é uma forma de nos manifestarmos e mostrarmos as nossas insatisfações.

O trecho citado acima é do compositor, cantor e escritor Chico Buarque, que escreveu essa música para expressar a sua insatisfação com a ditadura no Brasil. Tal faixa não foi proibida porque os militares não perceberam que as críticas na letra da música eram sobre o regime. Possivelmente você já ouviu falar ou já estudou sobre o período da ditadura no Brasil, mas ela só foi instaurada após um golpe de Estado, promovido por militares e com apoio de setores da sociedade civil. O Brasil da década de 1960 experimentou mudanças políticas e econômicas que abalaram a estrutura dos governos democráticos. A configuração do golpe de 1964 iniciou bem antes de 31 de março daquele ano e marcou o começo de uma ditadura, que durou 21 anos.

## 1.1 A CONSTRUÇÃO DO PASSADO

No Brasil, em março de 1964, ocorreu um **golpe de Estado** contra o governo do presidente João Goulart. O golpe de Estado é um movimento **inconstitucional** que parte, regra geral, de órgãos do próprio Estado. No entanto, além do conceito, é importante compreender o que aconteceu naquele período em um contexto político e social. Foi em 1964 que iniciou o primeiro passo para uma ditadura que durou 21 anos. O golpe que derrubou o presidente conhecido por Jango provocou diversos debates historiográficos que tiveram o objetivo de construir a memória desse evento histórico através da análise crítica das fontes e documentos.

Primeiramente, vamos explorar como a História aborda a construção desse acontecimento. Os historiadores, ao construírem o conhecimento histórico, procuram olhar para o passado para compreender o nosso presente e também as motivações e condições em que certas medidas e ações foram tomadas. Em relação ao golpe de 1964, foi realizado pela historiografia pesquisas baseadas em documentos, fontes e análises críticas desses documentos, que buscaram entender os conflitos, silêncios e comemorações em torno desse fato.

### GLOSSÁRIO



**Golpe de Estado:** expressão que vem do francês Coup d'Etat, sendo designada para conceituar a tomada de poder por Napoleão Bonaparte no 18 de Brumário, quando ele assumiu o poder após a Revolução Francesa e instaurou uma ditadura. Dessa forma, o golpe de Estado é denominado um movimento inconstitucional que parte de órgãos do Estado. Surgiu, em sua maioria, no período contemporâneo em governos constitucionais. Qual é o objetivo de um golpe de Estado? Seu objetivo é derrubar o governo em exercício à força e instituir uma nova forma de governo, que geralmente é a ditadura.

**Inconstitucional** é todo decreto, lei, decisão que contraria a Constituição.

Fonte: Dicionário de Conceitos Históricos.

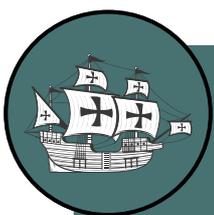
Quando surgiram os primeiros debates e interpretações sobre o golpe, tal construção foi produzida em sua maioria por jornalistas e cientistas políticos, ainda na década de 1960 durante o período ditatorial e, posteriormente, por historiadores. Para entender essa construção de conceitos e do conhecimento **historiográfico**, precisamos compreender que “na produção do conhecimento histórico e historiográfico é fundamental considerar dois tempos específicos: o referente ao desenrolar dos acontecimentos e processos, e o relativo à produção de interpretações e narrativas sobre esses mesmos

## GLOSSÁRIO



A **historiografia** é uma área de estudo que reflete sobre a produção e escrita da História. Através da historiografia, estudamos a produção das diversas áreas da História e suas contribuições para o conhecimento histórico ao longo do tempo. As correntes historiográficas reúnem historiadores com pensamentos semelhantes. Além disso, a historiografia permite que o historiador estude a História por meio da análise de quem a escreveu anteriormente a nós. Através do processo de escrita, compreendemos elementos em comum entre os pesquisadores do mesmo período. Sendo assim, a historiografia é uma forma de estudar a História das ideias.

Fonte: Dicionário de Conceitos Históricos.



## CONEXÕES HISTÓRICAS

Documentário UFSC explica o golpe de 1964

“O dia 1º de abril de 1964 é uma cicatriz na história do país. Chamado por muitos de “revolução”, o movimento golpista promovido por parte da sociedade civil e um grupo de militares iniciou 21 anos de ditadura civil-militar com perda de direitos civis, perseguições, torturas e mortes. Mas qual era o contexto, os sujeitos e interesses envolvidos no movimento golpista? E por qual motivo considera-se este conturbado momento da política brasileira um golpe e não uma revolução?”

Fonte: Canal do Youtube USFC.

acontecimentos e processos” (Delgado, 2009, p. 129). O que a historiadora Lucília Delgado observa na citação acima é que precisamos considerar o tempo em que o evento ocorreu e também o tempo em que são produzidas as interpretações sobre o evento, ou seja, observar como a História se modifica ao longo do tempo e dos estudos. Portanto, as análises e estudos são frutos do seu tempo, marcados por uma cultura, pensamento político e hábitos.

## GLOSSÁRIO



Uma **revolução** caracteriza-se como um processo de mudança nas estruturas sociais. No século XVII, a palavra começou a adquirir um caráter político, representando, nesse período, o retorno à ordem política anterior que fora modificada. Já no século XIX, Karl Marx e Friedrich Engels desenvolveram o conceito de revolução, focando na revolução do proletariado. Em sua perspectiva, uma das condições para a evolução proletária era a realização prévia da revolução burguesa. Assim, não limitaram sua definição apenas à revolução socialista, mas também à revolução burguesa, exemplificada pela Revolução Francesa.

Hector Bruit define a revolução como um fenômeno político-social que implica uma mudança radical na estrutura social, caracterizado por um confronto entre a classe detentora do poder do Estado e as classes excluídas desse poder. Para ele, a revolução engloba não apenas transformações nas estruturas políticas, econômicas e sociais, mas qualquer fenômeno capaz de alterar radicalmente as bases de uma sociedade.

Fonte: Dicionário de Conceitos Históricos.



## A HISTÓRIA NOS JORNAIS

### Jornais como fonte histórica

As fontes históricas são rastros materiais e imateriais resultantes da ação do ser humano. Segundo o historiador José de Assunção Barros (2019), as fontes possibilitam os historiadores a compreender o passado e o seus desdobramentos no presente. “Quando um indivíduo escreve um texto, ou retorce um galho de árvore de modo a que este sirva de sinalização aos caminhantes certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta, os homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural” (Barros, 2019, p. 15). O conceito de fonte foi modificado ao longo do tempo. Nos anos finais do século XX, as fontes já não eram apenas informativas e repositórios da verdade. Os historiadores passaram a interpretar as informações contidas ali e também a questioná-las, o que ficou conhecido como história-problema, a capacidade de elaborar interpretações sobre os processos históricos e problematizá-las. Nesse cenário, as fontes podem ser fotografias, vídeos, relatos orais, filmes, entre outros vestígios. Sendo assim, nos anos finais do século XX, os jornais passaram a ocupar um lugar maior nos trabalhos que utilizavam jornais como fonte devido à ampliação do conceito de fonte histórica. Utilizar os jornais como fonte nos possibilita reconstituir lutas sociais e políticas, pois através deles é possível encontrar visões de diversos setores da sociedade que está sendo pesquisada. Os jornais possibilitam-nos estudar sobre a vida cotidiana de determinada época, os costumes, a cultura e os aspectos da rotina. Ao utilizá-lo como fonte, é possível fazer análises das práticas políticas de determinado período, as lutas sociais, os diferentes grupos em disputas e os seus projetos. A partir dos jornais, os pesquisadores analisam os discursos através dos editoriais que são os textos em que estão expressas a opinião do jornal. Segundo a historiadora Maria Helena Capelato (1988), os pesquisadores que se dedicam as análises político-ideológicas costumam analisar os editoriais e noticiários. Além disso, é importante saber que os jornais não são considerados depósitos da realidade, nem sempre os editoriais vão representar o que de fato aconteceu, pois eles podem ser imparciais e também tendenciosos dependendo da opinião pública que quer repassar ao leitor.

## 1.2 GOLPE MILITAR OU CIVIL-MILITAR: O QUE DIZEM OS HISTORIADORES

As produções sobre o período do golpe de Estado foram elaboradas sob a influência de estudos ideológicos e

também de acordo com o que era encontrado nos documentos. Referente a essa documentação, o historiador Carlos Fico (2004) nota que durante o período da ditadura, por conta das perseguições políticas, era difícil encontrar fontes de informação disponíveis para pesquisar sobre os militares.

Segundo os historiadores Jorge Ferreira e Ângela de Castro Gomes (2014), a repercussão do golpe na mídia e em diferentes setores da sociedade foram diversas, assim como as percepções que foram construídas e revisadas nas décadas posteriores. Percebe-se que a memória desse fenômeno histórico foi sendo construída ao longo das décadas, a partir de novos **problemas históricos**, documentos e perguntas. Diante disso, vamos refletir de que maneira alguns historiadores pensaram esse período.

No ano de 1981, o uruguaio e cientista político René Armand Dreiffus lançou, em sua obra “A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe”, que o golpe seria resultado de uma articulação de parcela da sociedade civil composta por empresários em geral e associações civis, que tinham o objetivo de retirar o presidente do poder. De acordo com ele, duas instituições foram centrais nesse processo: o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES). Juntas tinham o objetivo de interferir em assuntos nacionais, como o poder legislativo, financiando campanhas políticas, e propagandas que eram contrárias ao governo.

### GLOSSÁRIO



Os **problemas históricos** estão ligados a questões e desafios que são estudados pela disciplina de História.

Fonte: Dicionário de Conceitos Históricos.



Analizando a perspectiva do historiador Marcos Napolitano (2014), em uma obra escrita cinquenta anos após o golpe, reflete-se que foi um “golpe civil-militar”, pois as origens do golpe se iniciaram antes do governo de João Goulart e foram resultado da divisão da sociedade brasileira, considerando o contexto de Guerra Fria e dos embates políticos e ideológicos que afetaram os países da América Latina, incluindo o Brasil. Nesse cenário, o golpe foi resultado de projetos políticos distintos, resultado de uma “ampla coalização civil-militar, conservadora e antirreformista, cujas origens estão muito além das reações aos eventuais erros e acertos de Jango” (Napolitano, 2014, p. 9).

O historiador Carlos Fico, em seu livro “O golpe de 1964”, afirma que a construção do golpe de Estado teve o apoio de uma parcela da sociedade civil, além de ser deflagrado por civis e militares. Os civis foram os governadores, parlamentares e as lideranças civis. Além disso, teve a influência e financiamento do governo dos Estados Unidos da América. Ao analisarmos esses estudos, podem surgir algumas questões como, “mas por que, na visão dos militares, foi uma ‘revolução’ ao invés de ‘golpe?’” Provavelmente, você já deve ter ouvido esse questionamento.

Os militares, de fato, desempenharam um papel crucial na efetivação do golpe, conforme registra a historiografia. Outra questão controversa envolve as narrativas que surgiram imediatamente após o golpe, tanto por parte dos militares quanto por parte de seus apoiadores. Nelas, observou-se a utilização do termo “revolução”.

De acordo com os defensores da ditadura, o termo foi oficializado nesse período, sendo utilizado de imediato pela imprensa e órgãos do governo. Segundo o historiador Rodrigo Patto Sá Motta (2021), esse termo é uma forma de descaracterizar o golpe. Apoiadores utilizam essa terminologia e rejeitam o termo “golpe” porque, em suas perspectivas, por ter um apoio de parcela da sociedade, se tratava de um movimento revolucionário. No entanto, se não fosse a atitude dos militares, com tanques e canhões nas ruas ameaçando a ordem constitucional, o presidente não teria abandonado o país. Tais atitudes são diferentes do que acontece nas revoluções, situações em que as insurreições partem do povo em direção ao Estado e, nesse caso, surgiu de órgãos do próprio Estado.

De acordo com a historiografia feita sobre o período, essas reflexões nos levam a entender o papel crucial que as elites militares e civis tiveram na efetivação do golpe. Entretanto, nem toda a sociedade apoiou o golpe. Assim, o papel da historiografia é também o de combater as narrativas que são criadas sem fundamentos em documentos e sem compromisso com a ciência histórica.



### EXPLORE

Que tal aprender mais sobre fonte? A **Hemeroteca digital** é um portal online onde encontram-se diversos periódicos nacionais disponíveis para consulta e pesquisas. Lá, você tem acesso a jornais, revistas e mais. Agora que você já sabe, pesquise algum jornal ou revista de seu interesse e, em seguida, questione alguma notícia ou imagem que lhe chamar atenção com as seguintes perguntas: O que é essa imagem? Quando foi produzida? Qual o objetivo do que está sendo retratado?

Fonte: Hemeroteca digital.

Em relação às motivações desse golpe, as razões políticas e econômicas são os principais caminhos para compreender. O objetivo das elites econômicas foi derrubar o presidente para preservar as empresas privadas e também protegê-las da intervenção do Estado. No auge de 1964, esses acontecimentos ocorreram aparentemente de maneira rápida e intensa. No entanto, os antecedentes do golpe têm raízes mais profundas. Dessa forma, pretende-se nos próximos capítulos explorar de que forma se articulou esse processo histórico que resultou em um golpe de Estado, como uma parcela da sociedade civil foi se articulando contra o governo de João Goulart e o porquê - apesar do presidente ter apoio da população - não ofereceu resistência ao golpe.



### UM GIRO NOS JORNAIS

Os jornais são importantes meios de comunicação e tratam-se de uma ferramenta essencial para nos manter atualizados dos acontecimentos ao nosso redor. Você tem costume de ler jornais? Atualmente, ter acesso ao jornal está cada vez mais rápido, pois basta abrir a internet e nos é apresentado um mundo de opções. Além disso, já vimos que eles são importantes fontes históricas. Você já ouviu falar no jornal O Globo? Muito provavelmente sim, é hoje uma das maiores emissoras de televisão do nosso país, mas muito provavelmente você ainda não ouviu falar na Última Hora. E o que esses jornais tem em comum ou de diferente? É isso que vamos descobrir nessa seção. Será através dessas fontes que vamos conhecer um pouco mais sobre as disputas políticas e os discursos que foram apresentados no contexto do golpe de 1964 e a sua preparação. Em seguida, vamos conhecer um pouco sobre a história dos dois jornais.



# A ÚLTIMA HORA

## A criação do Jornal

A Última Hora foi fundada em 1951 pelo jornalista Samuel Wainer. De início, se tratava de um jornal vespertino que seguia a tendência nacionalista e uma ligação direta com Getúlio Vargas, que no período sofria perseguição política de outros jornais. Quando Getúlio venceu as eleições em 1950, contrariando os seus opositores, ele propôs a Samuel Wainer, que era um jornalista de outro jornal chamado Diários Associados, a criar um jornal com o objetivo de falar sobre os seus feitos políticos.

## Inovações e a década de 1960

O jornal passou por diversas inovações em sua diagramação e também passou a valorizar os profissionais da imprensa, investindo na fotografia, uso das cores, caricaturas. Isso atraiu um grande público para a Última Hora, que acabou chamando atenção de seus concorrentes. No período da década de 1960, o jornal continuou em alta e também passou a ser crítico de alguns políticos, foi a favor da posse de João Goulart em 1961 após a renúncia de Jânio Quadros. Com isso, foi ganhando alguns inimigos na política, foi alvo principalmente de políticos conservadores e direita. Em 1964, o jornal defendeu

Figura 1 - Editorial Última Hora



Fonte: Última Hora.

a autonomia do presidente João Goulart e foi contrário ao golpe civil-militar. Após o golpe de 1964, o proprietário Samuel Wainer se exilou por conta da ditadura e o jornal foi vendido em 1972 para o empresário Maurício Nunes de Alencar. Após isso, o jornal passou a ser produzido pela Arca Editora e continuou mais nove anos em atividade.

Figura 2 - Editorial O Globo

## O GLOBO

### A criação do jornal

Lançado em 1925, o jornal foi fundado por Irineu Marinho e um grupo de jornalistas que faziam parte de um outro jornal chamado A noite. Após o falecimento de Irineu Marinho no mesmo ano, Euricles de Matos assumiu a direção do jornal. Em 1931, Roberto Marinho assumiu a direção do jornal após o falecimento de Euricles.



Fonte: O Globo.

### Inovações e a década de 1960

O jornal, em seu início, concentrou em suas páginas os interesses da população e do cotidiano. Desde as suas primeiras edições, seguiu uma linha ideológica conservadora. Era constante em suas edições o apoio ao partido União Democrática Nacional (UDN). Na década de 1950, teve um crescimento

significativo passando a circular 100 mil exemplares. Frequentemente, o jornal tecia críticas ao segundo governo de Getúlio Vargas.

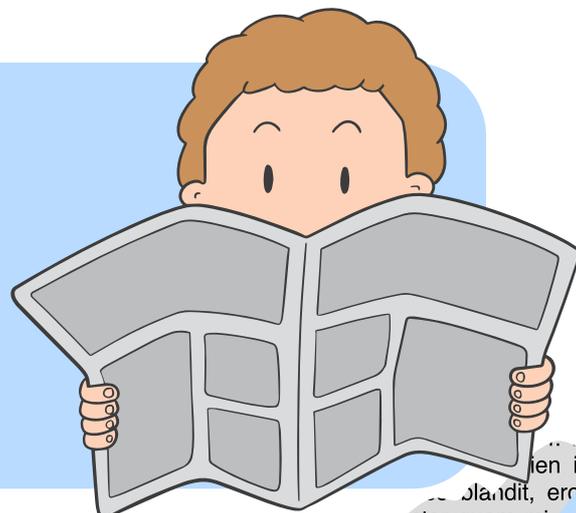
Em 1961, foi contrário à posse de João Goulart e a favor do parlamentarismo. Em 1964, o jornal foi a favor do golpe de Estado e da instauração da ditadura, alegando que a “revolução” era necessária e que o país estava prestes a se tornar comunista. Na década de 1970, o jornal fez um grande investimento em tecnologias e passou a ser um dos maiores jornais do Rio de Janeiro.

Figura 3 - Editorial O Globo



Fonte: O Globo

Como vimos nos conteúdos acima, para produzir o conhecimento histórico, precisamos analisar e problematizar as fontes históricas. Assim como o golpe de 1964 foi alvo de diferentes narrativas, os jornais acompanharam a efervescência política do momento. Nesse sentido, apresentaremos abaixo trechos dos jornais e depois algumas questões para você responder e refletir.



nisl  
nec e...m co  
non neque cu  
auctor non turpis at, auctor nenu

Vivamus pellentesque vel ex eu gravida  
turpis. Quisque hendrerit ante et mi fermentum, nec com...netus  
tempus. Cras gravida metus risus, id interdum mi condimentum  
consectetur. Donec diam velit, viverra et arcu blandit, tempus

en ip  
Glandit, er  
auctor quam mi  
en... finibus eget n...attis sit amet, auctor  
isque nec neque vel est posuere aliquam quis ac tellus  
quam malesuada metus iaculis vestibulum. Sed congue

# O GLOBO

Data: 30 de dezembro de 1964, página 12.

Título: A vitória democrática trouxe ao país a tranquilidade política.

Trecho do editorial: "O ano chega ao fim com país vivendo dias de relativa tranquilidade e segurança política. A revolução de 31 de março está consolidada no governo do presidente Humberto Alencar Castelo Branco, em cuja a pessoa foi estabelecida a tradição de honestidade e austeridade dos antigos chefes de Estado."



Figura 5 - Editorial O Globo



Fonte: O Globo.



A vida pública nacional ainda defronta com problemas de gravidade, quase todos herdados de antes da revolução, esta, por sua vez, trouxe os seus próprios problemas no bojo das transformações que se impunham para realocar o Brasil - que já beirava o caos — Nos trilhos da Ordem, da disciplina, do respeito às leis, do desenvolvimento sadio e das reformas desapaixonadas. Em seis meses a revolução transformou a face do País, antes mesmo de dar início à série de reformas de base a que se propôs. O Brasil de hoje está longe do Brasil de Janeiro de 1964, em que o futuro não era apenas uma interrogação, mas se apresentava como uma ameaça” (O GLOBO, 1964, p. 12).

## ÚLTIMA HORA

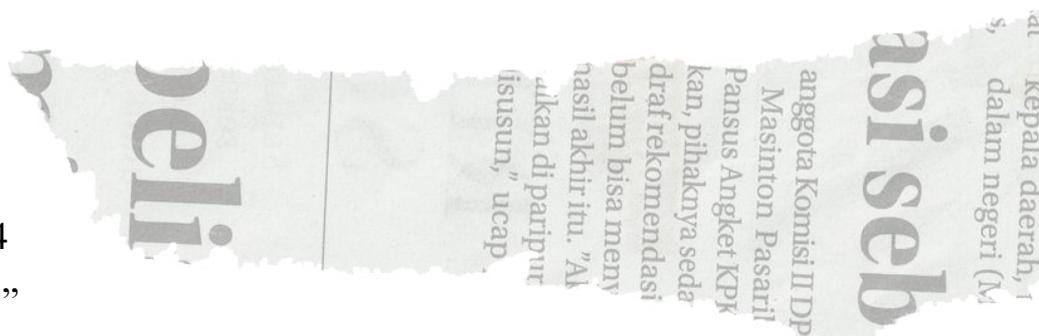
**Data:** 30 de julho de 1964

**Coluna:** Opinião de “UH”

**Título:** A grande Operação

**Trecho da Coluna:** “Torna-se dia a dia mais ruidosa a cisão nas hostes que chegaram ao poder com a vitória do golpe de Estado a primeiro de abril. Mas ninguém se iluda: trata-se, nitidamente, de um fenômeno de superfície. A divergência em torno do ritmo, do “timing”. Como diria o senhor Roberto Campos.

Essencialmente estão todos de acordo quanto ao objetivo, que é o de conter o processo de desenvolvimento no qual o país se achava irresistivelmente, embora desordenadamente, lançado. Para alcançar este objetivo é que se falou no Brasil uma nova máquina política baseada na força militar, cujas primeiras providências, na esteira do ato Institucional, foram no sentido de truncar a vida democrática e colocar o povo sob tutela. A manobra



da prorrogação tornou claro que esse grupo não pretende tão cedo largar o poder, nem pretende partilha-lo com nenhum líder “carismático” e exclusivista do tipo Carlos Lacerda, embora demonstre certa plasticidade a ponto de manter diálogo com as raposas contrarrevolucionárias do PSD“ (ÚLTIMA HORA, 1964, p. 4).

## ANALISANDO AS FONTES

Os jornais estão se referindo no trecho destacado ao mesmo evento histórico, porém utilizando nomenclaturas distintas. Na versão do jornal O Globo, o que aconteceu

em 31 de março de 1964 foi uma revolução”, com o objetivo de reestabelecer a ordem democrática. Já na Última Hora, se tratou de um golpe de Estado articulado com o objetivo de acabar com a democracia.

Compare os dois trechos e títulos, observando outras diferenças entre os dois textos. Reflita sobre o posicionamento dos jornais em relação ao que foi estudado.

Figura 6 - Editorial Última Hora



Fonte: Última Hora.



## O PASSADO NO PRESENTE

No dia 31 de agosto de 2013, o jornal O Globo lançou um editorial com o título: “Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro”. No texto, o jornal esclarece que o reconhecimento do erro veio através do conhecimento histórico. “A consciência não é de hoje, vem de discussões internas de anos, em que as Organizações Globo concluíram que à luz da História, o apoio se constituiu em um equívoco”. O editorial afirma que o golpe que foi erroneamente chamado de “revolução” pelo jornal, naquela época era visto pelo jornal como a única forma de manter a democracia. Por fim, eles reconhecem que através da história é possível aprender com os erros. Para ler na íntegra o editorial, acesse [AQUI](#).

Figura 7 - Jornal O Globo



Fonte: O Globo.

## APLICANDO O CONTEÚDO

1) Agora que você já sabe o que é um golpe de Estado, diga quais outros golpes de Estado você já ouviu falar ou estudou e quais as semelhanças e diferenças com o caso brasileiro.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

2) De acordo com os trechos dos editoriais acima, após refletir sobre qual fato histórico eles estão se referindo, aponte os seus posicionamentos ideológicos em relação ao fato.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---





# CAPÍTULO II

**ANTECEDENTES DO  
GOLPE DE 1964**

## 2.1 AS ELEIÇÕES DE 1960

A década de 1960 foi marcada por diversos fatos políticos e sociais no Brasil e no mundo. Para compreendermos os acontecimentos anteriores ao golpe de 1964, precisamos entender a influência dos eventos políticos a partir de 1961. Dessa forma, veremos abaixo como foi a chegada de Jânio Quadros e de João Goulart aos cargos de presidente e vice-presidente do Brasil, respectivamente. As eleições de 1960 aconteceram em meio a um cenário de grande inflação após o governo de **Juscelino Kubistcheck (JK)** e a sua promessa de “50 anos em 5”.

O projeto desenvolvimentista de JK se converteu, já no final do governo, em uma realidade de redução dos salários e de denúncias de corrupção. O presidente demonstrou apoio à candidatura do marechal **Henrique Batista Duffles Teixeira Lott** para concorrer às eleições e, se ganhasse, dar continuidade ao seu trabalho. Teixeira Lott se afiliou ao Partido Social Democrático (PSD) e compôs chapa com **João Goulart**, que concorria ao cargo de vice-presidente pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Nessa época, a legislação permitia que o vice fosse eleito separado do presidente.



### BIOGRAFIA

**Juscelino Kubitscheck:** Nascido em 1902, no Estado de Minas Gerais, foi um político e médico brasileiro que desempenhou um papel fundamental na história do país. Foi eleito presidente do Brasil, ocupando o cargo de 1956 a 1960. Sua eleição resultou de uma coalizão entre o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ambos vinculados à influência política de Getúlio Vargas. O falecimento de JK se deu em 1976.

A oposição era composta por **Jânio da Silva Quadros**, do Partido Trabalhista Nacional (PTN), e tinha o apoio do Partido Democrata Cristão (PDC), União Democrática Nacional (UDN), Partido Libertador (PL). Tinha o apoio também do candidato a vice, Milton Campos, da UDN. O terceiro candidato era Ademar de Barros, pelo Social Progressista (PSP). A concorrência real ficou entre Jânio Quadros e o Marechal Teixeira Lott.

**Agora vamos analisar quais eram as propostas dos dois candidatos.**

O plano de governo do marechal Lott seguia os princípios militares. Ele prometia “utilizar a sua espada” para combater o que chamava de crise na política brasileira. Se fosse eleito, prometia iniciar uma reforma agrária, manter o direito dos trabalhadores e o ensino básico gratuito. Entretanto, apesar de levantar algumas bandeiras sociais, Lott foi um político **conservador e anticomunista**.

Já o candidato Jânio Quadros afirmava em seus discursos ser uma pessoa simples. Um de seus objetivos era o de acabar com a corrupção. Seu lema de campanha era relacionado a uma vassoura: “varre, varre vassourinha”. Com esse título chamativo, pretendia “defender a liberdade, combater os privilégios, proteger a Petrobrás, atacar a inflação”, dentre outras metas.

#### BIOGRAFIA



**Henrique Batista Duffles Teixeira Lott:** Nasceu em 1884, em Minas Gerais, e iniciou a sua carreira militar após sua formação, em 1944. Em 1945, participou da campanha de destituição de Getúlio Vargas. Em 1954, após o suicídio de Vargas, foi indicado por Café Filho para Ministro da Guerra do Brasil. No ano de 1955, evitou um potencial golpe de Estado antes da conturbada posse de Juscelino Kubitschek. Após isso, ele foi indicado para ser Ministro da Guerra. Na década de 1960, foi indicado pelo PSD para ser vice de JK. Faleceu em 1984.

Dá para perceber que os dois candidatos, pelo menos em suas propostas, tinham ideias semelhantes para o governo. Mas vamos entender melhor quais eram as ideologias defendidas pelos seus respectivos partidos políticos. O PTB era um partido de esquerda que defendia reformas mais profundas, os assalariados e o operariado industrial. O PSD representava a oligarquia agrária, a classe média alta e os empresários. Já o PDC era defensor do capital internacional, conservador, anticomunista e contrário às reformas.

A UDN, por sua vez, possuía a maior bancada no **Congresso Nacional**, sendo um partido conservador e **liberal**.

Para o marechal Teixeira Lott, seria um pouco difícil de conquistar a maioria do apoio popular.

Isso se explica porque, apesar de ele ter se declarado contrário ao **comunismo**, tinha sabidamente apoio de alguns setores da esquerda, representando, com o seu discurso

**nacionalista**, uma espécie de união entre os militares e a sociedade. Porém, apenas uma parcela desses militares apoiava sua candidatura. Além disso, o desencontro de ideias dos partidos PSD e PTB, que a princípio tinham feito uma aliança para apoiar Lott e João Goulart, prejudicou sua campanha política.

#### BIOGRAFIA



**Jânio da Silva Quadros:** Nasceu em 1917, no Mato Grosso do Sul e cursou Direito na Universidade de São Paulo. Sua carreira política iniciou em 1947 quando se filiou ao PCD. Foi o candidato mais votado em 1951 para prefeito de São Paulo. Em 1954, foi eleito para governador do Estado de São Paulo. Durante seu mandato conquistou muitos eleitores fiéis. Após o golpe de 1964, teve seus direitos políticos suspensos até 1982. Faleceu em 1992.



Do outro lado, Jânio Quadros fortalecia a aliança com a UDN e, percebendo que João Goulart tinha potencial para ser eleito, criou a chapa “Jan-Jan: Jânio e Jango”. As chapas eleitorais são combinações entre candidatos com ideais semelhantes, ou seja, defendiam o voto em Jânio e João Goulart mesmo ambos sendo de partidos opostos.

A união foi um sucesso e as eleições de 1960 ficaram marcadas por esse caráter aparentemente contraditório. No dia 3 de outubro, Jânio Quadros foi eleito a presidente com 5.636.623 votos e João Goulart foi eleito a vice-presidente com 4.547.010 votos.

**A chapa “Jan-Jan” saiu vitoriosa.**



## BIOGRAFIA

**João Goulart:** João Belchior Marques Goulart, nascido em 1919, no Estado do Rio Grande do Sul, ingressou na vida política em 1947, ao ser eleito Deputado Estadual por seu estado de origem. Em 1953, desempenhou a função de Ministro do Trabalho, no governo de Getúlio Vargas. Em 1955, foi eleito vice-presidente na chapa de Juscelino Kubitschek e, posteriormente, em 1960, assumiu a mesma posição na gestão de Jânio Quadros. A reviravolta ocorreu em 1961, quando João Goulart assumiu a presidência do Brasil após a renúncia de Jânio Quadros, permanecendo no cargo até 1964. Após o golpe militar desse ano, Goulart foi exilado no Uruguai e, em 1976, veio a falecer na Argentina. Sua trajetória política é marcada por diversos momentos cruciais na história do Brasil, refletindo as complexidades e desafios enfrentados pelo país durante o período.

## 2.2 “AS FORÇAS TERRÍVEIS”: O GOVERNO E A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS EM 1961

Conforme vimos no tópico anterior, o sucessor do presidente Juscelino Kubitschek foi o paulista Jânio Quadros. Mas ele não permaneceu muito tempo no governo. Para cumprir suas promessas de campanha, precisava do apoio de setores mais conservadores e do seu partido, a UDN.

No entanto, Jânio demonstrou ser um político vacilante, pois, apesar de precisar do apoio desses setores para desenvolver sua política interna, fora do país adotou uma Política Externa Independente, conflitante no sentido de buscar parceiros comerciais em países capitalistas e socialistas. Em uma dessas aparentes incoerências, condecorou, em 19 de agosto de 1961, **Ernesto Che Guevara** com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, pela atuação como líder na Revolução Cubana. Lembrando que Cuba era um país declaradamente socialista, o que gerou o rompimento de Jânio com a UDN.

De fato, o governo de Jânio Quadros foi marcado por dificuldades de governabilidade. Primeiramente, o quadro financeiro do país estava enfrentando desafios.



### BIOGRAFIA

**Ernesto Che Guevara.** Natural da Argentina, nasceu em 1928. Foi um revolucionário argentino, médico, militar, diplomata e um dos principais líderes da Revolução Cubana.

Segundo dados referentes ao crescimento da economia brasileira, “no governo de JK do período de 1957 a 1960 teve-se um aumento de 7,7%, 10,08%, 9,8%, 9,4%” (Vilella, 2011, p.28). No governo Jânio, 1961 teve um crescimento de 8,6%, tido como consequência da política desenvolvimentista de JK.

Você provavelmente já estudou o governo de JK, e deve saber que o crescimento industrial do país teve um aumento positivo nesse período. Entretanto, ao final do seu governo, o país enfrentou uma forte inflação e estava com as contas públicas deficitárias.

O governo Jânio foi responsável por tentar reduzir a inflação e reequilibrar as contas públicas. Uma de suas medidas foi a política cambial, que tinha o objetivo de reduzir as taxas entre o Cruzeiro - moeda no período - e o Dólar.

A medida desvalorizou a moeda brasileira, apesar de incentivar as exportações. Em contrapartida, reduziu o financiamento para produtos básicos, como o trigo e petróleo. Dessa forma, a população sentiu o aumento de alguns alimentos e transportes. Em segundo lugar, tem-se o cenário político não favorável às medidas do presidente. Como vimos no tópico anterior, a base de apoio de Jânio era formada pela UDN, PR e PDC, e a sua oposição formada pelo PSD, PTB e PSP, que representava metade das cadeiras no Congresso.

Nesse cenário, o presidente, em uma das suas tentativas de aprovação de projetos, enviou ao Congresso projetos de **lei antitruste** e a lei de limitação e regulamentação de remessa de lucros, que não foram consideradas para votação no Congresso.



#### GLOSSÁRIO

**Lei antitruste:** Lei de defesa dos mercados econômicos. Tem o objetivo de promover uma competição adequada na economia e combater concorrências desleais.

Outro importante fator em seu governo foi a Política Externa, que tinha como objetivo diminuir a dependência do Brasil com os Estados Unidos e fortalecer e criar relações com outros países para promover relações comerciais. No entanto, tal política externa não agradava seu próprio partido político, pois a aproximação com países comunistas no contexto de Guerra Fria era considerado inadmissível.

Durante uma das viagens de João Goulart destinadas a estabelecer relações comerciais, o presidente Jânio Quadros renunciou ao cargo. Isso ocorreu no dia 25 de agosto de 1961. Nesse momento, o vice João Goulart estava chefiando uma comitiva na China. De acordo com os historiadores Jorge Ferreira e Angela de Castro Gomes (2014), não se sabe ao certo as motivações concretas para a renúncia.

Entretanto, considera-se que Jânio apostava que não seria aceita a posse de João Goulart, político que tinha sido ministro do Trabalho do governo Vargas e que tinha em seu histórico fortes acusações de ser comunista, por conta do seu envolvimento com movimento sindical. Goulart era um alvo dos grupos conservadores, tido como “esquerdista perigoso”.

Figura 8 - Jânio Quadros



Fonte: Arquivo Nacional

O certo é que, durante a viagem de João Goulart à China, Jânio enviou cartas com sua renúncia ao Congresso, provavelmente na esperança de ter algum apoio popular ou alguma proposta do Poder Legislativo. Entretanto, não houve tentativas de negociação e o presidente do Congresso, Ranieri Mazzilli (PSD), assumiu interinamente a presidência, inaugurando um forte período de crise política e institucional no Brasil.

Repentinamente, o Brasil se viu sob **Estado de Sítio**. Foi formada uma junta Militar composta por três ministros militares, o marechal Odílio Denis, da Marinha, o vice-almirante Sylvio Heck, da Aeronáutica, e Gabriel Grum Moss, brigadeiro do ar. Os três representavam as Forças Armadas do país e, alegando motivos de segurança nacional, recusaram a posse do vice-presidente João Goulart.

Enquanto Goulart retornava ao Brasil, alguns políticos brasileiros se mobilizaram para defender a sua posse, inaugurando mais um período conturbado na política brasileira.



#### EXPLORE

Quer saber mais sobre a renúncia de Jânio Quadros? Acesse o site do Memorial da Democracia e tenha acesso a documentos e vídeos que relatam como se deu tal episódio. Em seguida, associe os documentos disponíveis com o que foi discutido nesse tópico.

Fonte: Memorial da Democracia.  
Disponível [AQUI](#).



#### GLOSSÁRIO

**Estado de sítio:** É um regime jurídico e político na qual o chefe de Estado, no Brasil, o presidente da República, suspende temporariamente a atuação do Poder Legislativo e Judiciário. Essa medida pode ser utilizada em casos de guerra, agressão estrangeira e ameaça ao Estado.



## GLOSSÁRIO

**Capitalismo:** É um sistema econômico hegemônico no mundo. É baseado no direito à propriedade privada, acumulação de capital (dinheiro) e lucro. Segundo o dicionário de conceitos históricos, o capitalismo teve algumas fases. A primeira foi a mercantilista, entre os séculos XVI e XVIII, marcada pelo acúmulo de riquezas por meio da obtenção de metais preciosos para enriquecer reinos europeus. Entretanto, alguns historiadores discordam, pois argumentam que foi uma fase de transição entre o feudalismo e o capitalismo. A segunda fase foi o capitalismo industrial, marcado pela livre concorrência no século XVIII e XIX. A terceira é o capitalismo monopolista dos anos 1870-1914, no qual se tem a concentração de capitais, luta por mercados e protecionismo (proteção da indústria) dos países.

**Comunismo:** Segundo o Dicionário do Pensamento Marxista (1983), o comunismo é um movimento político da classe operária dentro de uma sociedade capitalista. O termo surgiu em 1830, com o crescimento da classe operária na Europa ocidental. A sociedade ideal no comunismo seria criada pela classe trabalhadora sem o capitalismo e sem o Estado, no qual a riqueza produzida seria dividida de maneira igual. Segundo Karl Marx, trata-se de uma ideologia articulada de princípios que fundamentam uma ação política.

**Anticomunismo:** Movimento histórico que remonta do século XIX. Trata-se de um fenômeno complexo de ideias que defende a propriedade privada e colocam o comunismo como uma ameaça à democracia. Os anticomunistas também defendem o capitalismo e a interferência mínima do poder Estatal na economia.

**Socialismo:** O socialismo surgiu no final do século XVIII e início do XIX, no contexto da Revolução Industrial. Nesse sistema político e social, não existem os meios de produção privados. Segundo o Dicionário de Conceitos Históricos, para Lenin, o socialismo seria a primeira fase de domínio das classes proletárias, e quando essas tomassem o poder imporiam a ditadura do proletariado onde os meios de produção e o Estado seriam controlados pelos trabalhadores, responsáveis por impor medidas sociais justas para todos.

**Inflação:** Termo econômico para conceituar o aumento geral dos preços de bens e serviços na sociedade. A inflação dos preços gera um aumento no custo de vida e redução do poder de compra da moeda.



## GLOSSÁRIO

**Esquerda e direita:** Provavelmente você já ouviu esses termos quando o assunto é política ou então nas aulas de História sobre Revolução Francesa. No século XX, principalmente após a Guerra Fria, esses termos ganharam uma forte conotação ideológica. A esquerda representa os setores progressistas, sociais-democratas, comunistas e socialistas. Já a direita representa os liberais, conservadores e monarquistas.

**Conservadores:** No termo literal da palavra, os conservadores valorizam a tradição. Sendo assim, o conservadorismo é um pensamento político que é contrário às políticas revolucionárias ou progressistas. Assim, o conservadorismo enfatiza a defesa das instituições tradicionais, como a família e a religião. No entanto, os ideais do conservadorismo podem mudar de acordo com o tempo e o lugar.

**Liberal:** O liberalismo surgiu no século XVIII no contexto do Iluminismo. Essa ideologia pode ser dividida entre liberalismo econômico e político. O pensamento advém da burguesia que estava ascendendo economicamente e pretendia ter poderes políticos. Trata-se de uma teoria atrelada ao capitalismo, pois defende a ausência do Estado na economia. Já o liberalismo político, principalmente no período absolutista da Europa Moderna, era a favor da laicização do Estado que significa a separação da Igreja e do Estado.

**Nacionalista:** Essa ideologia política surgiu na França, no contexto do Iluminismo, momento em que se pretendia acreditar mais na ciência e menos na religião. O nacionalismo é um pensamento político que valoriza o sentimento de pertencimento a uma nação. Os ideais nacionalistas são: defesa da nação, território, fronteiras, valorização do idioma e da cultura. No Brasil, o nacionalismo esteve fortemente presente durante o governo de Getúlio Vargas no período do Estado Novo (1937-1945). O presidente incentivou o fechamento das importações, criação de grandes empresas como a Petrobras e a Vale do Rio Doce.

**Congresso Nacional:** É no Congresso que se centra o Poder Legislativo brasileiro. É composto pelo Senado Federal e a Câmara dos Deputados.

Política Externa Independente tratava-se de uma política com o objetivo de aumentar as relações do Brasil com outros países e, com isso, diminuir a dependência com os Estados Unidos. Foi criada em 1961, no governo de Jânio Quadros, e pretendia estimular o desenvolvimento industrial do país independente de ideologias.

## 2.3 JOÃO GOULART, O PARLAMENTARISMO E A ARTICULAÇÃO DOS CIVIS (1961-1962)

Conforme você viu no tópico anterior, João Goulart estava retornando para o Brasil enquanto uma crise política se instalava no país. Além do posicionamento dos ministros, teve a posição das forças que estavam a favor do até então vice-presidente.

A Rede da Legalidade foi como ficou conhecida uma campanha criada pelo governador do Rio Grande do Sul, **Leonel Brizola**, e com o apoio do comandante III Exército, o general **Machado Lopes**, conseguiu mobilizar a rede da legalidade em prol de requisitar a Rádio Guaíba para falar para todo o Brasil. Além disso, a rede mobilizou diversos apoiadores de todas as classes, pessoas envolvidas com os sindicatos, trabalhadores, militares subalternos e estudantes. O movimento de Leonel Brizola, juntamente com o apoio popular, teve um efeito positivo significativo, a solução para o impasse foi o **parlamentarismo**.

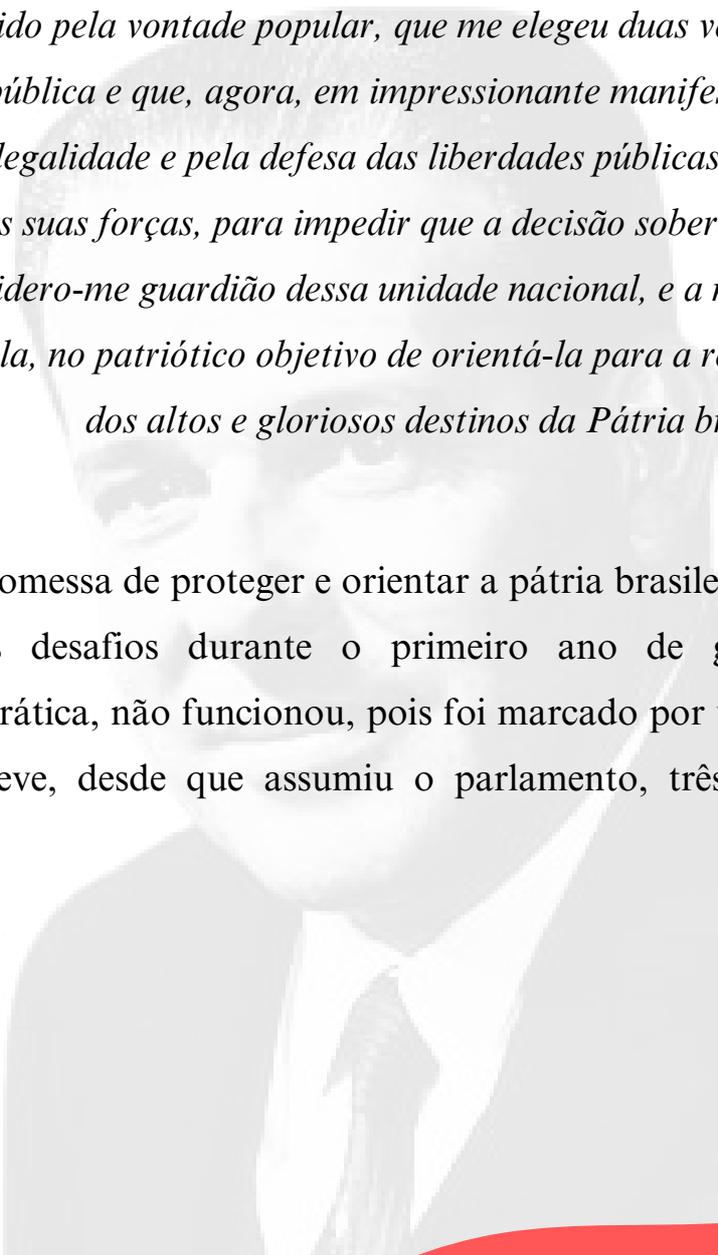
Figura 9 - João Goulart



Fonte: Arquivo Instituto João Goulart.



No dia 2 de setembro de 1961, o Congresso aprovou uma **Emenda Constitucional** que não apenas instituiu o sistema parlamentar, mas também definiu a realização de um Plebiscito para 1965. Esse **plebiscito** tinha como objetivo permitir que a população decidisse e o sistema parlamentar seria mantido ou não. Em 7 de setembro daquele ano, Goulart tomou posse. Leia abaixo um trecho do seu discurso:



*"Assumo a Presidência da República consciente dos graves deveres que me incumbem perante a Nação. A minha investidura, embora sob a égide de um novo sistema, consagra respeitoso acatamento à ordem constitucional. Subo ao poder ungido pela vontade popular, que me elegeu duas vezes vice-presidente da República e que, agora, em impressionante manifestação de respeito pela legalidade e pela defesa das liberdades públicas, uniu-se, através de todas as suas forças, para impedir que a decisão soberana fosse desrespeitada. Considero-me guardião dessa unidade nacional, e a mim cabe o dever de preservá-la, no patriótico objetivo de orientá-la para a realização dos altos e gloriosos destinos da Pátria brasileira"*

Para manter a promessa de proteger e orientar a pátria brasileira, Goulart passaria por grandes desafios durante o primeiro ano de governo. O parlamentarismo, na prática, não funcionou, pois foi marcado por uma intensa instabilidade. Jango teve, desde que assumiu o parlamento, três primeiros-ministros.

O primeiro foi Tancredo Neves, que assumiu em 1961 e ficou no cargo até 1962. O segundo ministro foi o deputado Brochado da Rocha, que assumiu o cargo em junho de 1962 e tentou antecipar o plebiscito para dezembro de 1962. Entretanto, seu pedido não foi atendido pelo Congresso e posteriormente ele acabou renunciando ao cargo. Diante da sua renúncia, Hermes de Lima assume e permanece no cargo até 1963.

O Congresso antecipou o plebiscito para o dia 6 de janeiro de 1963, após grande pressão dos operários que estavam em greve e também de Goulart e seus apoiadores. Durante o período do parlamentarismo, o presidente não teve liberdade o suficiente para realizar reformas e propor projetos. Além disso, o país estava com uma alta inflação e dívida externa. Os problemas financeiros refletiam no cotidiano do brasileiro, que exigiam algumas reformas em diversas áreas. É nesse

cenário que é possível perceber a movimentação de parcela da sociedade civil contra o governo e as medidas de Goulart. Em um contexto internacional de Guerra Fria, o pensamento anticomunista dentro de algumas instituições cresceu exponencialmente. É importante ressaltar que durante esse período os Estados Unidos estavam de olho no posicionamento ideológico do Brasil.

## BIOGRAFIA



**Leonel Brizola:** nasceu no Estado do Rio Grande do Sul no povoado de Cruzinha, sendo filho de agricultores. Entrou na carreira política em 1947, quando se filiou ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 1952, foi nomeado secretário estadual de Obras Públicas. Já em 1954 foi eleito deputado federal, e em 1955 prefeito de Porto Alegre. Em 1961, enquanto era governador do Rio Grande do Sul, liderou um movimento que tinha como objetivo garantir a posse de **Jânio Quadros**.

Nesse cenário, um presidente com propostas de reformas sociais não possuía o perfil ideal para grupos da sociedade civil que estavam alinhados com uma política mais conservadora e de direita. Segundo o historiador Carlos Fico (2014), há uma extensa documentação que comprova que a campanha para desestabilizar o presidente iniciou em 1961, porém se intensificou entre os anos de 1962 e 1963.

Porém, a conspiração para a sua derrubada iniciou em 1963. A desestabilização foi fortemente financiada pelo governo americano, pois em 1965 haveria novas eleições no Brasil. Os candidatos que faziam oposição ao presidente eram financiados para promover campanhas contra Goulart.

“O embaixador norte-americano, anos depois, admitiu ter liberado US\$ 5 milhões. Além dos dólares enviados em 1962, o governo norte-americano passou a fornecer recursos diretamente aos governadores que faziam oposição a Goulart” (Fico, 2014, p. 32).



## GLOSSÁRIO

**Parlamentarismo:** É um sistema de governo no qual o poder executivo é exercido pelo primeiro-ministro que governa com o auxílio do Parlamento. No sistema parlamentarista, o poder legislativo é formado pelo parlamento. Em um sistema parlamentarista, há o chefe de Estado e o chefe de Governo, o chefe de Estado é representado pelo Presidente. Em repúblicas parlamentaristas, se trata do mais alto cargo, porém seus poderes políticos são limitados. Já o chefe de Governo é responsável pelo poder executivo e é indicado pelo parlamento.

**Emenda Constitucional:** Norma jurídica que modifica a Constituição Federal.

**Plebiscito:** É uma forma de consultar os cidadãos antes de uma lei ser implementada.

Além dos políticos que eram financiados para conspirarem contra o governo, tem-se também o papel de duas associações que participaram da conspiração: o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES). No primeiro capítulo, citamos sobre o envolvimento de ambas, agora vamos ver um pouco mais da atuação das duas.

O IBAD foi fundado em 1959 por Ivan Hasslocher, empresário estadunidense com o propósito de combater o comunismo no Brasil. Era financiado por empresários brasileiros e estrangeiros e agia em conjunto com a agência de propaganda chamada Promotion, dirigida por Hasslocher. O IBAD atuou em 1962 e 1963 intensamente com propagandas e

campanhas com o objetivo de desestabilizar o governo. Eles agiam através da revista Ação Democrática, com mais de 250 mil exemplares, apoiavam financeiramente políticos, financiavam e apoiavam movimentos contrários ao governo.

Em 1962, a participação da Ação Democrática Popular (Adep), também criada por Hasslocher, nas campanhas das eleições para governador. A Adep alugou o jornal A Noite para patrocinar as campanhas dos seus candidatos. O IBAD e a Adep foram alvos de uma **Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI)** com o intuito de investigar a atuação das duas associações nas eleições, porém



## BIOGRAFIA

**Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI):** A CPI tem o objetivo de fazer uma investigação de um acontecimento que seja importante para a vida pública e para a ordem constitucional, legal, econômica ou social do país.

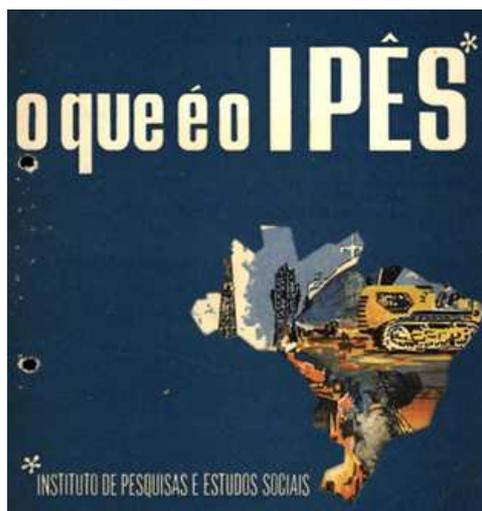
Fonte: Câmara Federal

antes do fim da CPI o presidente João Goulart suspendeu as atividades de ambos. Em relação ao IPES, a sua fundação foi em 1961, foi criado com o objetivo de ser uma instituição voltada para pesquisas e debates sobre a realidade brasileira. Entretanto, o IPES tinha um caráter conservador voltado para desestabilização do governo. Eles agiam a partir de propagandas anticomunistas, patrocinavam campanhas contra o governo. Atuava em conjunto com grupos conservadores como: Campanha da Mulher Democrata (Rio de Janeiro) e União Cívica Radical (São Paulo), grupos que foram responsáveis pelas Marchas da Família com Deus pela Liberdade, marchas promovidas contra João Goulart.

As ações do complexo IPES/IBAD foram essenciais no processo de articulação do golpe de 1964. No entanto, apesar das investidas contra João Goulart, foi importante a articulação dessas entidades e dos militares no planejamento da deposição do presidente, conforme cresce os ataques da oposição cresce também o apoio a Jango, cabe destacar que, ele era uma figura política que tinha grande popularidade entre as classes sociais mais baixas.

A partir do final de 1962 os ânimos vão se acirrar com a campanha para a volta do presidencialismo. Veremos no próximo capítulo os momentos decisivos do governo de Goulart, a campanha das reformas, a articulação dos militares e a oposição ao movimento golpista.

Figura 10 - Panfleto Institucional do IPÊS



Fonte: Arquivo Nacional



## O PASSADO NO PRESENTE

A discussão sobre o anticomunismo no Brasil não é recente na História, e ainda permeia as discussões políticas de hoje. Como o próprio nome sugere, o anticomunismo é uma ideia avessa ao comunismo, um fenômeno político que está presente principalmente nas ideias da direita conservadora, mas que, por ser um fenômeno complexo, também pode ter outras origens. De acordo com o historiador Rodrigo Patto Sá Motta, no texto *O Brasil à beira do abismo de novo* (2016), o Brasil vive desde 2013 uma polarização política que lembra o período de 1964, pois há elementos semelhantes nos embates políticos, assim como a constante sensação de possível ruptura institucional provocados por discursos extremistas.

Para saber mais sobre esse tema, indico a leitura do texto na íntegra disponível [AQUI](#). E sobre a nova onda anticomunista indico a leitura do texto: A “ameaça vermelha”: medo e paranoia anticomunista do historiador Daniel Trevisan. Acesse [AQUI](#).

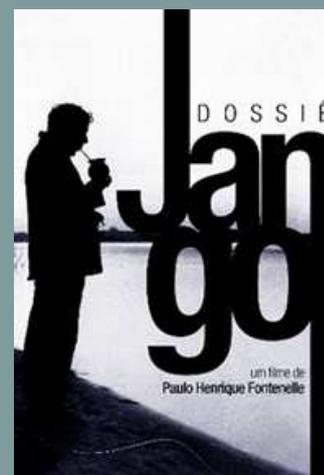


## CONEXÕES HISTÓRICAS

Documentário: Dossiê Jango

“Dossiê Jango traz à tona o conturbado período em que o ex-presidente João Goulart viveu no exílio e as nebulosas circunstâncias de sua morte. Partindo deste fato, o documentário alimenta o debate em torno da necessidade de investigação e de esclarecimento público deste período terrível de nossa História: a era das ditaduras militares latino-americanas”.

Fonte: (Desmistificando, 2023).  
Acesse [AQUI](#).





## CONEXÕES HISTÓRICAS

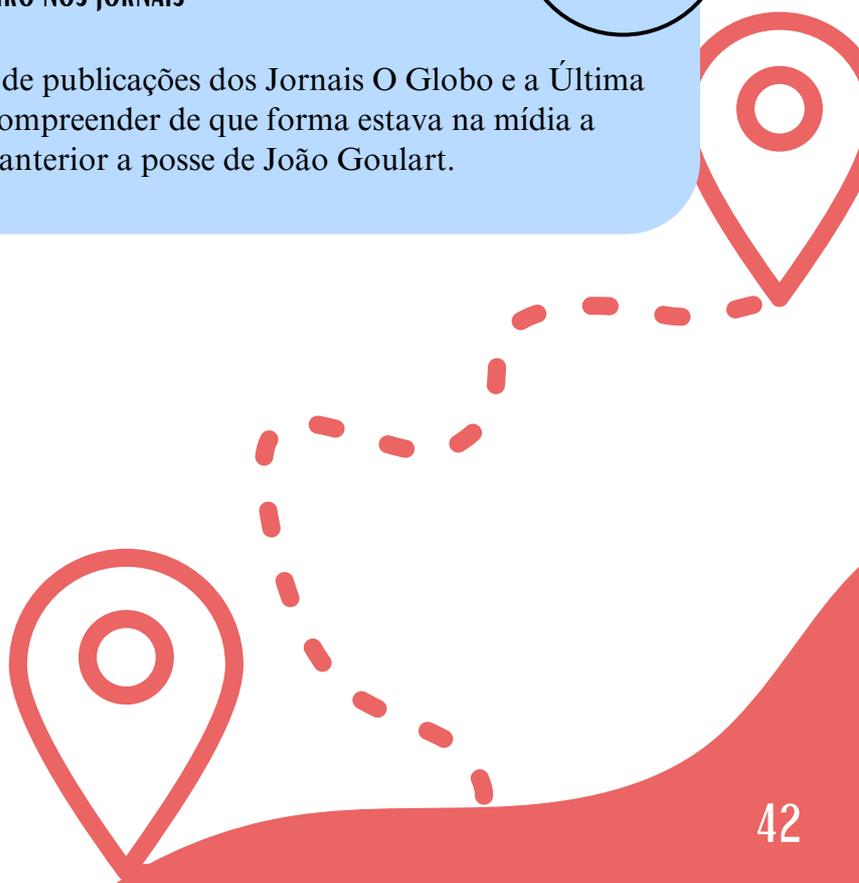
Livro: João Goulart: uma biografia.  
Autor: Jorge Ferreira.  
Ano: 2011

Nesse livro o autor procura ir além dos acontecimentos do dia 31 de março e 1º de abril, contando a trajetória de João Goulart desde o seu nascimento até a sua morte. Além disso, relata sua vida política e privada.



## UM GIRO NOS JORNAIS

Agora vamos analisar alguns títulos de publicações dos Jornais O Globo e a Última Hora assim como editoriais para compreender de que forma estava na mídia a cobertura sobre o clima anterior a posse de João Goulart.



## A HISTÓRIA NOS JORNAIS



### A diagramação e materialidade dos jornais impressos

Você sabe como funcionava a produção do jornal impresso? Ao folhearmos um jornal é comum repararmos nas cores e nas palavras em destaques, nas disposições dos títulos e imagens. Essas disposições ocorrem por uma razão. Geralmente, a organização da capa serve para chamar atenção do leitor ao destaque da respectiva edição. E toda essa organização integra a diagramação do jornal.

A diagramação faz parte do planejamento gráfico e visual dos jornais. As produções dos jornais são pensadas de acordo com os elementos e materiais que estão disponíveis naquele momento. Segundo a historiadora Tânia Regina de Luca (2008), as formas de impressão dizem muito sobre o lugar social que os periódicos ocupam. “É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural.” (De Luca, 2008, p. 132).

Sendo cada produção fruto de seu tempo, vamos entender um pouco mais como funcionava a produção dos impressos. Antes da década de 1950, havia uma pessoa específica para montar as páginas, o paginador era responsável por ajustar as matérias, de acordo com um croqui que era desenhado pelo responsável da organização. Já na década de 1960 tem-se o diagrama ou diagramador, que ficou responsável por planejar os títulos, editoriais, fotografias, publicidades etc. Assim, a montagem do jornal ficou conhecida por diagramação. “O diagramador organiza as imagens, o título principal e secundários, a subdivisão do texto com fios grossos e finos, espaços cheios e vazios: manipula o contraste entre o preto e o branco” (Capelato, 1988, p. 17).

O jornal Última Hora - por exemplo - inovou nos padrões de apresentação e investiu nos títulos, subtítulos e boxes com a intenção de tornar o periódico mais atraente aos olhares dos leitores com cores e fotografias. O Globo também contava com uma grande equipe de profissionais que buscaram inovar em fotografia e na apresentação das seções.

Por falar em seções, cada seção do jornal tem um propósito e apresentam possibilidades de ler e interpretar um jornal. Os editoriais são responsáveis por expressar a opinião do jornal, podem aparecer dados estatísticos, argumentações, depoimentos e comparações sobre determinado tema. As entrevistas presentes nos jornais são produzidas pela interação de duas pessoas e tem o objetivo promover algum debate, esclarecimentos e posicionamentos. As colunas são artigos assinados e publicados regularmente. As colunas também expressam a opinião dos jornais. Os classificados ou anúncios são onde se encontram as vendas, trocas, aluguéis etc. Igualmente, pode-se encontrar seções dedicadas a esportes, notícias internacionais, entre outras.

## O GLOBO

**Data:** 28 de agosto de 1961.

**Título:** “Séria advertência do ministro da guerra à nação: estamos na encruzilhada: democracia ou comunismo”

**Trecho do editorial:** “O Marechal Odílio Denys disse hoje à United Press Internacional (UPI): Chegou a hora de se escolher entre democracia comunismo, no Brasil. Nada tenho contra a pessoa do senhor João Goulart, mas apenas contra a forma de governo que ele representa”. (O GLOBO, 1961, p. 1).



Figura 11 - O Globo



Fonte: O Globo

# EDITORIAL O GLOBO

**Data:** 28 de agosto de 1961.

**Título:** Patriotismo

**Trecho do editorial:** “A inesperada renúncia do Presidente Jânio Quadros gerou, em quase todo o país, uma atmosfera de confusão, quer nos meios políticos, quer reflexamente nas camadas populares. Confusão principalmente devida à onda de boatos difundidos por conhecidos agitadores, interessados na perturbação da paz interna.

Figura 12 - O Globo



Fonte: O Globo

Era uma consequência natural daquele lamentável acontecimento, que colheu a Nação de surpresa numa hora em que as linhas da política externa do governo entravam em divergência com a grande massa da opinião pública. Acompanhando, momento a momento o que se passa na sede da União e nos principais pontos do território, consideramos indispensável que os brasileiros conservem intacta a sua fé no patriotismo e no espírito construtivo das Forças Armadas, as quais tradicionalmente sempre souberam harmonizar o cumprimento de seus deveres de responsáveis pela ordem com as aspirações e os sentimentos do povo” (O Globo, 1961, p. 1)

## ÚLTIMA HORA

**Data:** 28 de agosto de 1961.

**Título:** “Trava-se em Brasília a batalha do impedimento”

**Trecho do editorial:** “A fim de adotar medidas a preservação da ordem no Rio Grande do Sul, o comandante do 3º Exército General Machado Lopes, reuniu-se com o Governador Leonel Brizola e outros oficiais de unidades militares sediadas no Estado sulino. Em nota dirigida ao povo gaúcho, o comando do 3º Exército declarou que “saberá manter a ordem legal e a defesa das instituições neste Estado”. Na foto, Machado Lopes, e à esquerda, pelo General Santa Rosa, comandante de uma das unidades federais sediadas no Rio Grande do Sul” (Última hora, 1961, p. 1).

Figura 13 - Última Hora



Fonte: Última Hora

Figura 14 - Última Hora

## ENTREVISTA ÚLTIMA HORA

**Data:** 28 de agosto de 1961.

**Título:** Presidente: Rei Morto, Rei Posto

**Trecho do editorial:** “Momentos após tomar conhecimento da renúncia do Presidente Jânio Quadros, o governador Juracy Magalhães recebeu o representante de última hora e ditou fria e pausadamente uma mensagem ao povo brasileiro, na qual faz uma advertência aos que pretendem aproveitar-se do afastamento do Presidente para desfechar um golpe de Estado no País. O governador da Bahia diz em sua mensagem que “Rei morto, Rei posto”, afirmando que lutará para garantir a posse do Sr. João Goulart, legítimo Presidente da República, segundo determinação da Constituição da República” (Última Hora, 1961, p. 3).



Fonte: Última Hora

## ANALISANDO AS FONTES

As capas dos jornais, além de transmitir os fatos, precisam ser diretas e chamativas, com o objetivo de prender a atenção do leitor e o convidar a ler a matéria. Agora vamos avaliar os títulos em vermelho nas primeiras páginas dos jornais. Em um primeiro olhar, podemos perceber que nas capas o uso de imagens e de uma fonte maior é comum, sempre no intuito de chamar a atenção.

O editorial com o título “Patriotismo”, do jornal O Globo, foi publicado três dias após a renúncia de Jânio Quadros e está inserido em um contexto de expectativa da volta ou não de João Goulart, assim como de se o parlamentarismo seria ou não aceito.

No editorial, o texto sugere que a população mantenha a calma e confie nas Forças Armadas, pois eles estavam a serviço da coletividade e do bem-estar. Já no jornal Última Hora, temos uma entrevista com o governador Juracy Magalhães, na qual expressava que João Goulart seria o legítimo presidente da República e enfatizava a defesa da Constituição.

Os trechos dos dois jornais estão se referindo a fatos iguais, que é a espera da chegada de João Goulart ao Brasil e se ele vai ou não assumir a presidência. No entanto, percebe-se através dos trechos visões diferentes de lados opostos.



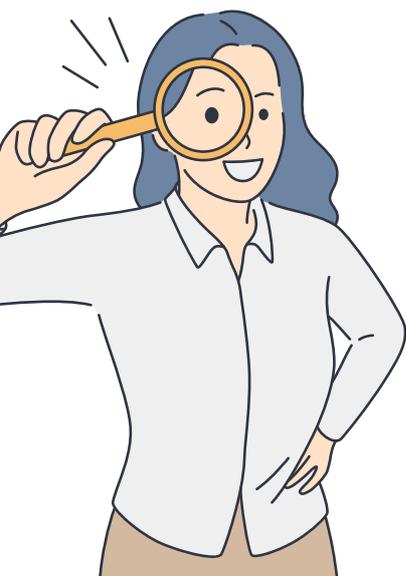
## APLICANDO O CONTEÚDO

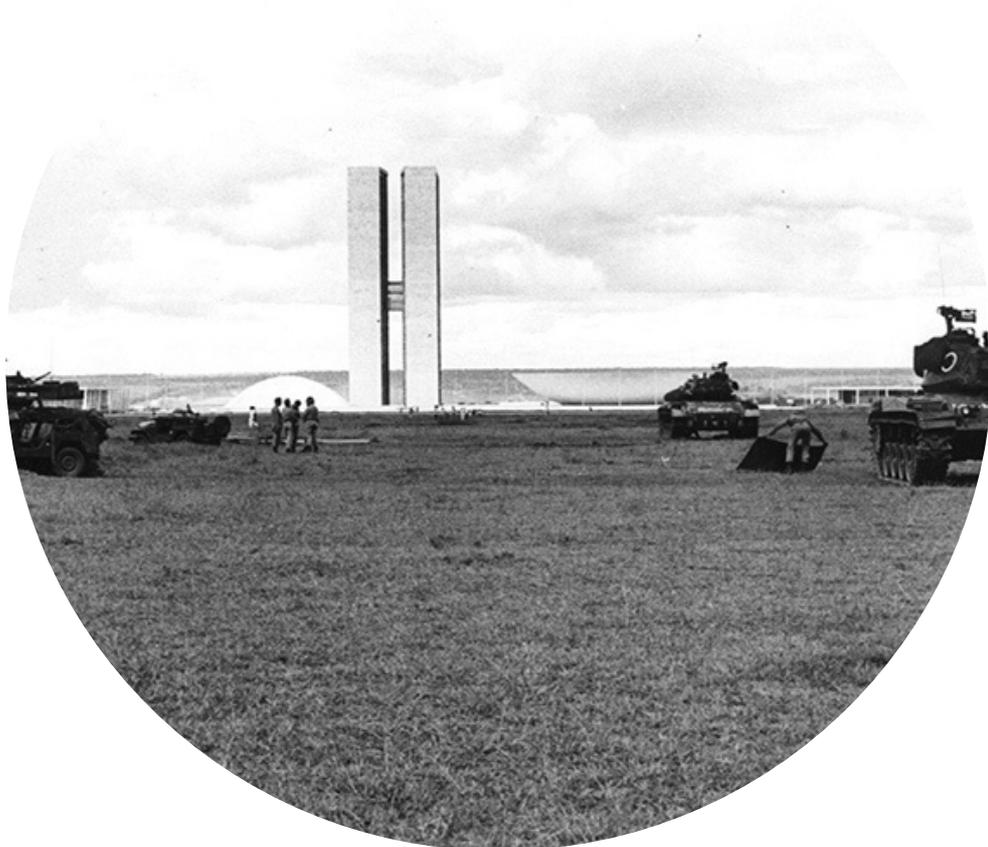
1) Considerando o conteúdo das capas e dos títulos em destaque, efetue uma comparação entre esses elementos, evidenciando os termos utilizados. Diante disso, reflita sobre como a entonação e a escolha vocabular possibilitam a identificação dos setores que demonstravam apoio ou oposição à posse de João Goulart.

2) “Sinto-me, porém, esmagado. Forças terríveis levantaram-se contra mim, e me intrigam ou infamam, até com a desculpa da colaboração”. Esse é um trecho da carta de renúncia de Jânio Quadros enviada ao Congresso. De acordo com o que você aprendeu nesse capítulo, quais eram as “forças terríveis” que supostamente pretendiam derrubar o presidente?

3) Reforce seu conhecimento no caça-palavras procurando as palavras principais desse capítulo. **Bom jogo!**

J C C C O N G R E S S O  
A I C C R A J R C E L O  
N E D D G C O E N O A N  
I S E E E I A E T D I O  
O O M M O O O T L I Y L  
O U O O O N G D W T N D  
U E C C D A O I A P R T  
A R R R Y L U R S E I I  
D D A A T I L E O R I S  
R A C C E S A I T A W L  
O I I I D M R T R D E F  
S I A A E O T A S V L H





# CAPÍTULO III

**O GOLPE DE 1964: “NÃO PERMITIREI A  
DESORDEM EM NOME DA ORDEM”  
(1963-1964)**

### 3.1 “NA LEI E NÃO NA MARRA”:

## OS DESAFIOS DO PRESIDENCIALISMO DE JOÃO GOULART NO ANO DE 1963

No ano de 1963, o **presidencialismo** venceu o parlamentarismo, uma vitória que ocorreu graças a muitos setores da sociedade. Com o retorno do presidencialismo, iniciava de fato o governo de Goulart. O caminho para aprovação das reformas de base não seria fácil. Além disso, no final de 1962, os ministros do Planejamento e da Fazenda já traçavam um novo plano econômico, com o objetivo de desenvolver a economia. O presidente ainda tinha que lidar com o controle da inflação e o realinhamento econômico do país.

No cenário econômico, foi elaborado por **Celso Furtado** o Plano Trienal, com o objetivo de controlar a inflação e as finanças públicas. Segundo o historiador Marcos Napolitano (2014), o plano foi bem elaborado. Previa o corte de despesas do governo e algumas restrições de salários. Além disso, tinha como proposta reformas administrativa, bancária, fiscal e agrária.



#### GLOSSÁRIO

**Presidencialismo:** É um sistema de governo característico do sistema republicano. Nas Repúblicas democráticas há a separação entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Nem todo sistema republicano é presidencialista, vimos no segundo capítulo o caso do parlamentarismo. No sistema presidencialista não há a diferença entre chefe de Estado e chefe de Governo, pois as duas funções são exercidas pelo presidente que é responsável por executar as políticas públicas, escolher os ministros, exercer poder de vetos em projetos de lei entre outras funções.

Se as reformas ocorressem como o esperado, o governo teria um melhor rendimento e gastaria menos, o que seria fundamental para o combate da inflação.

No entanto, o plano não teve apoio o suficiente e foi visto com maus olhos pela direita. Houve uma série de campanhas por parte dos setores mais conservadores, com o apoio massivo de empresários, afirmando que o presidente levaria o Brasil ao comunismo, o que não era verdade. Com a rejeição desses setores, a opção do governo que estava no poder foi se indispor cada vez mais com as elites políticas. Com o fracasso do Plano Trienal, Goulart focou novamente nas reformas, principalmente na agrária. Trienal, Goulart focou novamente nas reformas, principalmente na agrária. No entanto, ele não tinha apoio suficiente no Congresso.

Por essa razão, propôs a aprovação de uma Emenda Constitucional que alterava o artigo 146 da Constituição, exigindo pagamento em dinheiro para a desapropriação de terras. No entanto, apesar do apoio de boa parte da população, o projeto foi recusado no Congresso. A situação de crise agravou no segundo semestre de 1963.

## BIOGRAFIA

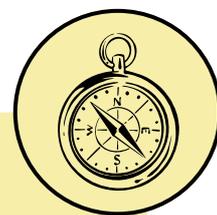


**Celso Furtado** foi um importante economista brasileiro. Ele nasceu em 1920, na Paraíba, concluindo o curso de Direito em 1944. Serviu como militar na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Quando retornou ao Brasil, participou da elaboração do plano de metas do governo de Juscelino Kubitschek. Em 1960, foi nomeado superintendente da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Em 1962, assumiu o Ministério do Planejamento, no governo de João Goulart. Após o golpe de 1964, foi exilado no Chile. Faleceu em 2004.

Esta breve introdução, nos faz compreender o cenário político de 1963, assim como entender as batalhas institucionais do governo e a luta para pôr em prática as reformas de base. Já vimos no capítulo anterior que houve uma grande resistência por parte de setores da sociedade civil em aceitar a implementação das reformas. Diante disso, a partir de março de 1963 o lema das reformas foi: “a luta pela reforma agrária na lei, e não na marra”. A pressão para aprovação foi considerada a primeira frente de agitação da crise política que se instaurava.

A reforma agrária, proposta pelo governo, se diferenciava da que o Congresso desejava. A ideia geral da reforma se pautava modificar a distribuição de terras. A abordagem defendida pela maioria no Congresso favorecia a especulação, ou seja, eles não queriam aceitar a compensação das terras desapropriadas por meio dos títulos de dívidas e defendiam o pagamento em dinheiro, conforme estava na Constituição de 1946 (artigo

141º). “Entre os que aceitavam a proposta da Presidência, como certas alas do PSD, o impasse era em torno do percentual de reajuste para os títulos que pagariam as desapropriações” (Napolitano, 2014, p. 39).



## EXPLORE

### Reformas de Base

As reformas de base foram formuladas com o objetivo de desenvolver o país, e eram consideradas essenciais para a renovação das instituições socioeconômicas e político-jurídicas. Para saber mais sobre as propostas das reformas fiscais, políticas, educacional e etc. Indicamos aqui a leitura do texto Reformas de Base no Atlas Histórico do Brasil. Acesse [AQUI](#).

As divergências em torno das medidas da reforma agrária agravaram a crise política durante o ano de 1963. Além disso, havia outra frente de crise, agora com relação aos militares. No ano de 1962, houve as eleições para deputados e vereadores, na qual alguns militares foram eleitos. No entanto, o **Supremo Tribunal Federal (STF)** recusou dar posse a militares, baseado na Constituição. “Eles se contrapunham à Constituição que estabelecia tal proibição: ‘não podem alistar-se eleitores as praças de pré, salvo os aspirantes a oficial, os suboficiais, os subtenentes, os sargentos e os alunos das escolas militares de ensino superior’” (Fico, 2014, p. 39).

Diante desse cenário, o sargento Aimoré, do Rio Grande Sul, ao ter em 11 de setembro de 1963 a sua posse impedida pelo Tribunal Regional Eleitoral, deu início a uma rebelião de sargentos e cabos da Marinha e da Aeronáutica. Os insurgentes começaram a ocupar prédios públicos em Brasília. O movimento foi

controlado e cerca de 536 pessoas foram presas. A reação do presidente sobre a rebelião foi de certa forma calma, e legitimou a reivindicação dos sargentos. Sua posição gerou desconfiança na alta hierarquia das Forças Armadas, que alegou a quebra de disciplina e hierarquia.



#### GLOSSÁRIO

**Supremo Tribunal Federal (STF):** É uma instância do judiciário brasileiro que atua como defensor da Constituição Federal, julgando casos de constitucionalidade e inconstitucionalidade. O STF é formado por 11 ministros indicados pelos presidentes eleitos caso for aprovado pela sabatina no Senado Federal assume o cargo. No STF não cabe recurso diante das suas decisões. Além disso, a lei brasileira determina a aposentadoria compulsória dos ministros do STF quando completam 75 anos.

No mês de outubro de 1963, a crise política se intensificou, quando **Carlos Lacerda** concedeu uma entrevista a um jornal chamado Los Angeles Times dos Estados Unidos, fazendo graves acusações a João Goulart. Na ocasião, Lacerda insinuou que o governo de Goulart estava planejando um golpe e

que os EUA deveriam intervir na política brasileira para fortalecer a democracia. Além disso, relatou que o Brasil estava nas mãos do comunismo.

Em relação aos ataques sofridos pelo governador, apoiadores do governo e diversos setores, inclusive ministros militares, reagiram pedindo a prisão do governador Carlos Lacerda. Nesse cenário, Goulart reagiu solicitando ao Congresso Nacional, no dia 4 de outubro, a decretação do Estado de Sítio. No entanto, o pedido emergencial do presidente não foi bem recepcionado pelos setores de direita e esquerda. Sendo assim Jango retirou a solicitação do Congresso.

## BIOGRAFIA

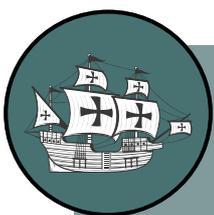


**Carlos Lacerda** foi um político e jornalista brasileiro. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1914. Como membro da União Democrática Nacional (UDN), exerceu cargos de vereador, deputado federal e governador da Guanabara. Além disso, fundou o jornal Tribuna da Imprensa. Faleceu em 1977.

## CONEXÕES HISTÓRICAS

1964: Cronologia | Revolta dos Sargentos  
Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2014)

“A Revolta dos Sargentos foi um dos graves episódios de quebra de hierarquia que alimentaram a conspiração que levou ao golpe militar de 1964. Na madrugada do dia 12 de setembro de 1963, 600 suboficiais da Marinha e da Aeronáutica tomaram prédios em Brasília: o Departamento Federal de Segurança Pública; o Ministério da Marinha; a Rádio Nacional e o Departamento de Telefones Urbanos e Interurbanos”. Acesse [AQUI](#).



O cenário político de 1963 foi considerado confuso pelo historiador Carlos Fico (2014), uma vez que, apesar de ter o apoio de alguns militares e parte do apoio popular, Jango sofria pressão por parte do alto escalão do Exército, de setores da direita e até da esquerda. Em 29 de novembro de 1963, Leonel Brizola, personagem importante que apresentamos no segundo capítulo, propôs a criação dos Grupos de 11 companheiros, com o objetivo de combater o golpe “venha de onde vier”. Os grupos deveriam se organizar para defender a democracia e resistir a qualquer tipo de ruptura.

Diante das pressões advindas de diversas frentes, o presidente então decide partir para outra estratégia: aproximar-se mais do povo através por meio dos comícios em favor das reformas para pressionar o Congresso. Assim se iniciava a marcha para o golpe de Estado.



### CONEXÕES HISTÓRICAS

Para saber mais sobre o cenário político da década de 1960, você pode acessar no mundo online o Memorial da democracia. Trata-se de um museu virtual, produzido pelo Instituto Lula, que visa contribuir para o resgate de memórias e das lutas pela democracia. Você pode acessar o conteúdo de qualquer lugar, basta estar conectado à internet. Além disso, o memorial conta com uma proposta multimídia que oferece diversas fontes para compreender a construção da nossa democracia. Acesse [AQUI](#).



## 3.2 O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

Revisitando os acontecimentos dos capítulos anteriores, temos a mencionar que, em 1961, Jânio foi eleito com o apoio de uma parcela significativa de militares alinhados às ideologias da União Democrática Nacional (UDN). A inesperada renúncia de Jânio Quadros pegou tanto a população quanto esses militares de surpresa. João Goulart não era o vice ideal na visão da UDN e das Forças Armadas, por ter um pensamento reformista, que era associado a uma porta de entrada para o comunismo no país. A renúncia de Jânio foi compreendida pelos militares e setores da direita como um potencial cenário de crise para o país. As conspirações contra o governo de João Goulart persistiram até março de 1964, culminando em sua efetiva deposição da presidência.

Durante os anos de 1962 e 1963, o clima era de tensão nas Forças Armadas. Havia uma divisão ideológica que ficou bem visível durante 1963 e 1964. Nesse período, as questões sociais e políticas penetraram os corredores dos clubes militares.

Uma parcela de subalternos, sargentos, tenentes e soldados viam com simpatia a imagem do presidente, principalmente porque eles queriam o direito de ser eleitos

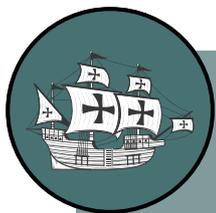
### RELEMBRE AQUI

Acompanhamos o desenrolar desses acontecimentos desde o segundo capítulo, quando vimos no tópico 2.3 a articulação dos civis contra o governo de Goulart.

Nesse tópico, buscaremos compreender a movimentação dos militares para a consumação do golpe, assim como o posicionamento dos setores de esquerda e dos apoiadores do presidente. Além disso, examinaremos porque não foi substancial a resistência ao golpe por parte desses últimos setores.

para os órgãos do Poder Legislativo. Porém isso era proibido pela Constituição, e esse grupo de militares buscava em João Goulart iniciativas para ampliarem as perspectivas de uma campanha que possibilitasse a eleição.

Entretanto, isso acabou desencadeando diversas manifestações por parte desses militares. Uma delas foi em 12 de maio de 1963, no Rio de Janeiro, onde eles se reuniram para discutir a situação. Essas reuniões deram margem para a direita e os generais de alto escalão acusarem João Goulart de estar apoiando a quebra de hierarquia e disciplina.



## CONEXÕES HISTÓRICAS

No mundo online

Para saber mais sobre como o processo eleitoral dos militares foi modificando ao longo das constituições. Indico a leitura do artigo: Os militares e o processo eleitoral, do pesquisador Lourival de J. Serejo Sousa. Nesse artigo ele explica o processo eleitoral dos militares.

Acesse [AQUI](#).

Além disso, indico a leitura do artigo: Eleições 2022: o papel das Forças Armadas no processo eleitoral.

Acesse [AQUI](#).



Na perspectiva de parcela dos militares, João Goulart era considerado despreparado politicamente e suas visitas a países comunistas estimulariam o caos no Brasil. Por essa razão, os militares pretendiam evitar a posse do presidente, com medo de uma possível ameaça comunista. No entanto, Goulart assumiu, e desde a sua posse se intensificou a conspiração do golpe.

Com o retorno do presidencialismo, os militares se preocuparam com as medidas que seriam tomadas por João Goulart, principalmente com suas propostas de natureza reformista.

O medo do comunismo nas forças armadas se intensificou na década de 1960, inclusive a partir de eventos internacionais. A **Guerra Fria** acirrou as orientações dentro das escolas e academias militares. Na visão dos militares, o comunismo era ruim porque representava um inimigo da defesa do país. Segundo esse discurso, no comunismo não existiriam mais fronteiras nacionais, nem distinções entre os indivíduos. O anticomunismo era uma das principais bandeiras dentro das Forças Armadas.

No ano de 1964 desenrolaram-se as jogadas decisivas. João Goulart adotaria a estratégia das ruas, com uma política voltada ao povo, pois, segundo

Figura 15 - “Tanques do Exército protegem o prédio do Ministério da Guerra na região central do Rio de Janeiro”



Fonte: Memorial da democracia

Marcos Napolitano (2014), não contava com o apoio da maioria no Congresso. Precisava necessariamente ter aliados e os seus foram o povo. Além de ser duramente criticado pelas elites empresariais e pela grande imprensa, cujo posicionamento será discutido mais adiante.

Congresso, Ranieri Mazzilli (PSD), assumiu interinamente a presidência, inaugurando um forte período de crise política e institucional no Brasil.

Repentinamente, o Brasil se viu sob **Estado de Sítio**. Foi formada uma junta Militar composta por três ministros militares, o marechal Odílio Denis, da Marinha, o vice-almirante Sylvio Heck, da Aeronáutica, e Gabriel Grum Moss, brigadeiro do ar. Os três representavam as Forças Armadas do país e, alegando motivos de segurança nacional, recusaram a posse do vice-presidente João Goulart.

Seguindo a perspectiva apresentada por Marcos Napolitano, os reformistas tinham pretensões distintas. Na visão da **Frente de Mobilização Popular (FMP)**, as reformas fortaleceriam a democracia social e a economia. Para isso acontecer, defendiam a dissolução do Congresso Nacional e a convocação de uma Assembleia Constituinte formada pelo voto popular, com o propósito de modificar a Constituição e fazer com que as reformas de base fossem aceitas.

Figura 16 - “Em Brasília, soldados do Exército confiscam armas dos rebeldes pouco depois da rendição”



Fonte: Memorial da democracia



## GLOSSÁRIO

**Frente de Mobilização Popular (FMP)** foi um grupo que surgiu em 1962 com o objetivo de acelerar a implantação das reformas de base. Formado por esquerdistas, que nesta época eram representados pela oposição ao atual governo, o grupo incluía não somente aos esquerdistas propriamente ditos, como também simpatizantes: artistas em geral, militares subalternos, outros grupos de trabalhadores, pessoas ligadas ao campo etc. A FMP teve Leonel Brizola como um de seus mentores, sua linha ideológica era de cunho nacionalista e reformista. Atuou perante a reforma eleitoral que previa direito de votos aos analfabetos e aos soldados, direito de elegibilidade aos sargentos e a anistia aos soldados e sargentos.

Já na visão do Partido Comunista Brasileiro (PCB), a revolução brasileira seria “nacionalista, democrática, antifeudal e anti-imperialista” (Napolitano, 2014, p. 50). Para isso, à época, seria interessante resistir à influências externas aos poderes estrangeiros e à políticas econômicas com base em sistemas tradicionais.

O período que antecede o golpe de 1964 foi marcado também pelo crescimento do movimento Estudantil. A União Nacional dos Estudantes (UNE) desempenhou um importante papel político nos debates sobre as reformas, cultura e ideologias. Além desse movimento, o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) colaborou apoiando as iniciativas de João Goulart durante os anos de 1963 e 1964. As Ligas Camponesas no Nordeste, comandadas por Francisco Julião, surgiram como forma de resistência contra a dominação política e econômica na região, também assim como trabalharam para a defesa da reforma agrária.



Em síntese, apesar de algumas discordâncias entre as metodologias das lutas, as organizações políticas progressistas durante o governo de Jango reivindicavam as reformas sociais e políticas.

Em março de 1964, diante a oposição do Congresso e de setores conservadores, João Goulart decide iniciar uma série de comícios, com o objetivo de pressionar o Congresso sobre as reformas. No dia 13 de março, realizou-se o primeiro ato, que em verdade viria a ser o último. O discurso feito por João Goulart naquela ocasião funcionaria como estopim para os atos golpistas. O comício reuniu aproximadamente 200 mil pessoas na Central do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Em sua fala, Goulart defendeu o regime democrático e criticou aqueles que pretendiam ir contra a democracia. Além disso, falou sobre as mudanças que pretendia fazer, com destaque para as reformas de base.

Após o comício, o presidente apresentou no Congresso Nacional uma mensagem ao legislativo. Veja abaixo um trecho da mensagem:

*Consciente das distorções verificadas ao longo do nosso processo de transformação social e da necessidade imperiosa de reformas estruturais e institucionais, assumi a responsabilidade de comandar a luta pela renovação pacífica da sociedade brasileira, como encargo primeiro e responsabilidade mais alta da investidura com que me honrou a vontade dos meus concidadãos (Fico, 2014, p. 48).*



Figura 17 e 18 - João Goulart durante Comício da Central do Brasil.



Fonte: Acervo O Globo

A mensagem tinha como propósito convencer o Congresso das necessidades das reformas. No entanto, naquele momento os partidos de centro se aproximavam mais da direita conservadora. Uma negociação pelo governo já não parecia possível. Além disso, após o - que ficou conhecido como - Comício das Reformas, lideranças civis, empresários, religiosos e apoiadores conservadores em geral, saíram às ruas na cidade de São Paulo, manifestando-se contra o governo. No dia 19 de março, as ruas da cidade foram tomadas por uma multidão. “Patroas de cabelo com laquê e empregadas domésticas não muito confortáveis estavam lado a lado, contra o fantasma do comunismo. Religiosas, políticos, lideranças de classe também estavam presentes à passeata” (Napolitano, 2014, p. 54). Em 20 de março, o chefe do Estado-Maior do Exército, general **Humberto Castello Branco**, divulgou uma circular entre seus subordinados.

Afirmava no documento que o presidente ameaçava impor uma nova constituinte para realizar as reformas de base. Além disso, alertava para os perigos do comunismo e que o Exército estava pronto para “defender a lei e a Constituição”. A circular serviu como uma senha para os militares que eram contra o governo Goulart, para eles estarem preparados para “salvar” o país do comunismo. Assim, Castello Branco se lançava para ser o líder.

Em 25 de março de 1964, completou-se dois anos da criação da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais, entidade que não tinha o reconhecimento da Marinha Brasileira. Para a ocasião, foi planejado uma comemoração no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro. O presidente e cerca de 3 mil marinheiros compareceram ao ato, que contou com discursos do cabo José Anselmo dos Santos, que liderava o movimento. Os marinheiros presentes se manifestaram pelo reconhecimento da associação e melhorias nas condições de trabalho, tanto em alto mar quanto nos quartéis.

O discurso de José Anselmo ocasionou uma ocupação de três dias no sindicato, em boa medida porque o ministro da Marinha, Silva Mota, ordenou a prisão do líder do movimento, já que este era ilegítimo. Em meio ao conflito, João Goulart optou por enviar soldados ao sindicato e pela substituição de Mota. O almirante Paulo Mário da Cunha Rodrigues assumiu o comando do ministério e negociou a saída dos soldados na manhã do dia 27. Além disso,

## BIOGRAFIA



**Humberto Castello Branco** nasceu em 1897. Era natural do Ceará. Foi político e militar, tendo sido tenente-coronel na Força Expedicionária Brasileira (FEB), onde operou ações do estado-maior do Exército entre 1944 e 1945. Em 1964, chefiou o estado-maior. Após o golpe, ele foi escolhido pelos militares para presidente com votos da maioria no Congresso. Faleceu em 1967.

anistiu os marinheiros, ou seja, os perdoou.

A anistia aos rebeldes serviu como mais uma peça na construção do golpe, pois forneceu munição para os movimentos que conspiravam contra o governo. A alta hierarquia da Marinha acusou João Goulart de quebra da hierarquia e disciplina. Isso, para a cultura das Forças Armadas, seria inconcebível.

As articulações para o golpe também ocorreram em outras regiões do Brasil. No dia 28 de março, em Minas Gerais, o chefe do Estado-Maior, **General Mourão Filho**, participou de uma reunião com os militares e civis, com o objetivo de marcar a data para a “revolução”. A reunião também contou com a participação do governador do Estado, Magalhães Pinto. Além da marcação da data, foram discutidas estratégias para movimentar as tropas do Estado no dia 31 de março, para entregar o manifesto de deposição do presidente.

No dia 30 de março, Goulart compareceu a uma reunião de sargentos e suboficiais da Polícia Militar no Automóvel Clube do Brasil. As pautas eram as reivindicações de direitos. O discurso do presidente, em defesa das reformas, soou como uma afronta às Forças Armadas, alimentando os

## BIOGRAFIA

**Olimpio Mourão Filho** nasceu em Minas Gerais, no ano de 1900. Iniciou a carreira militar na Escola Militar de Realengo, no Rio de Janeiro. Foi um dos participantes na elaboração do Plano Cohen durante 1937. Em 1945, participou da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Itália. Durante o governo de João Goulart, conspirou com militares e civis a deposição do presidente. Em 1964, após a deposição de Goulart, foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Militar (STM), cargo que ocupou até 1969. Faleceu em 1972.



conspiradores do golpe. A fala de Goulart foi decisiva para que as Forças Armadas intervissem na política nacional. O presidente foi acusado de incentivar novamente a quebra da hierarquia dentro das Forças Armadas.

O General Mourão Filho mobilizou suas tropas de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, no dia 31 de março, com o objetivo de depor o presidente. Iniciava a “operação Popeye”, que envolveu 4 mil homens. Após a mobilização das tropas, Goulart acreditava que o dispositivo militar do governo resolveria o conflito instaurado. No entanto, o ministro da guerra se encontrava no hospital para realizar uma cirurgia e o comandante do I Exército, general **Amauri Kruel**, deixou o cargo e aderiu ao golpe. Após essa renúncia, diminuiu drasticamente o apoio do II e III Exércitos. Diante desse cenário, o dispositivo militar do governo enfraqueceu drasticamente.

## BIOGRÁFIA



**Amauri Kruel**, natural do Rio Grande do Sul, nasceu em 1901. Como militar, foi oficial de Estado-Maior da Força Expedicionária Brasileira (FEB) de 1944 a 1945. Entre 1957 a 1959, foi chefe do Departamento Federal de Segurança Pública. Atuou como Ministro de Guerra durante 1962 a 1963. Apoiou a campanha de posse de João Goulart, e esteve à frente do II Exército durante o seu governo. Faleceu em 1996.



## CONEXÕES HISTÓRICAS

Leia mais sobre a Operação Popeye e saiba o porquê a operação levou esse nome no mundo online. Acesse [AQUI!](#)

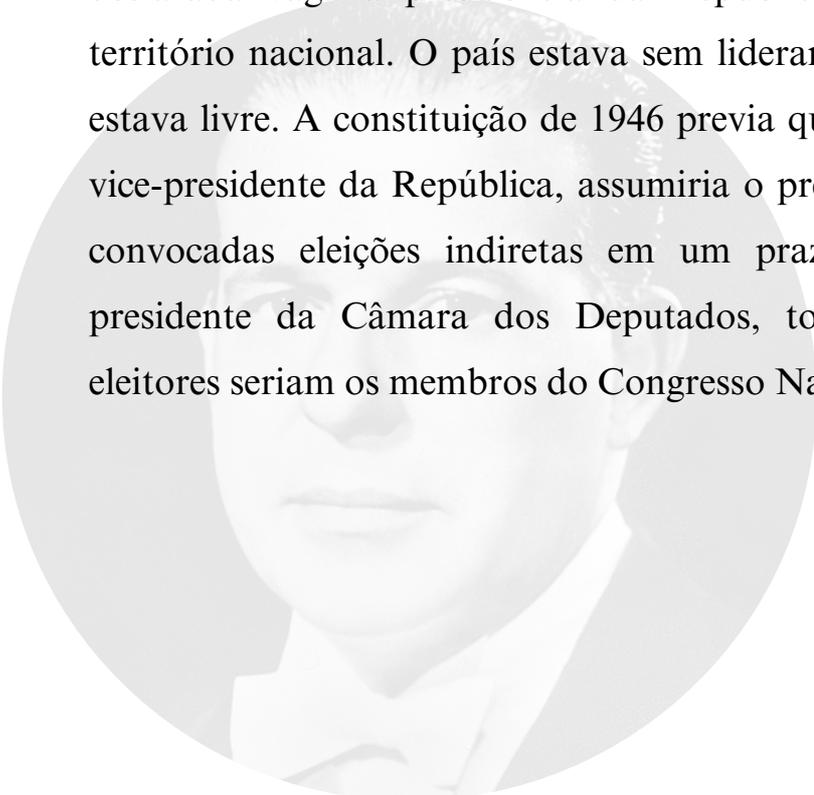




A fragilidade da mobilização militar em apoio ao governo pegou de surpresa não só o presidente, mas também os seus apoiadores. Segundo o historiador Rodrigo Patto Sá Motta (2003), um dos maiores erros de “Jango” foi não acreditar no potencial golpista das Forças Armadas, inclusive desrespeitando sua hierarquia.

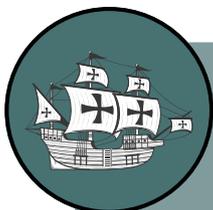
E a reação da esquerda? A esquerda naquele momento se encontrava fragmentada e foi igualmente pega de surpresa com o golpe. Houve algumas mobilizações, mas não uma resistência substancial no primeiro momento. De certa forma, setores da esquerda confiavam que João Goulart poderia resolver a crise. Entretanto, ninguém deu vazão a uma investida mais densa para conter o golpe. Os movimentos de esquerda não conseguiram oferecer resistência. Algumas greves foram organizadas, mas logo perderam força.

No dia 1º de abril, Goulart foi para Porto Alegre, onde tinha o apoio de parte do Exército, para tentar encontrar uma solução política com o então governador Leonel Brizola. No entanto, decidiram não investir em uma resposta armada. No dia seguinte, o golpe de Estado foi consumado por aqueles que deveriam preservar a legalidade da constituição. Na noite do dia 2, foi declarada vaga a presidência da República, mesmo com o presidente em território nacional. O país estava sem liderança e o caminho para os militares estava livre. A constituição de 1946 previa que, na ausência do presidente e do vice-presidente da República, assumiria o presidente da Câmara, sendo depois convocadas eleições indiretas em um prazo de 30 dias. Ranieri Mazzili, presidente da Câmara dos Deputados, tomou posse provisoriamente. Os eleitores seriam os membros do Congresso Nacional.



Seguindo esse roteiro, o marechal Castello Branco, um dos líderes do golpe, foi eleito no dia 9 de abril de 1964. Nesse mesmo dia foi decretado o primeiro Ato institucional, que conferia ao presidente da República poderes para cassar mandatos e suspender direitos políticos.

A cronologia dos acontecimentos de março de 1964 demonstra um golpismo liberal de direita contra um projeto de sociedade mais democrático e até certo ponto representativo de demandas dos trabalhadores e dos movimentos sociais. Após o sucesso do golpismo, muitos conspiradores acreditaram que a ordem estava reestabelecida no país e que as “forças comunistas” foram banidas do poder. Segundo esse raciocínio, após a intervenção dos militares a democracia seria estabelecida novamente, agora conforme os moldes da direita. No entanto, a partir de abril de 1964 o que se observou foi um governo com uma política liberal e autoritária que rapidamente se transformaria em uma ditadura e duraria 21 anos.



### CONEXÕES HISTÓRICAS

Documentário: O dia que durou 21 anos  
Direção: Camilo Tavares  
Ano: 2004



O documentário aborda o papel dos Estados Unidos no golpe de 1964 e na ditadura brasileira até 1985. Destaca a participação do embaixador Lincoln Gordon, gerenciando recursos para financiar estudos e propaganda contra o governo de João Goulart. Revela o apoio de grupos privados, como a Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos. Áudios e documentos confidenciais evidenciam a omissão dos EUA diante das violações de direitos humanos no regime civil-militar.  
Acesse [AQUI!](#)



## CONEXÕES HISTÓRICAS

Para saber mais sobre o conteúdo abordado nesse capítulo no mundo online, explore o portal Memórias da Ditadura. O site é projetado pelo Instituto Vladimir Herzog, com o objetivo de compartilhar os conteúdos sobre o período do golpe de 1964 e da ditadura a partir de diversas mídias que comunicam a complexidade e intensidade dos fatos ocorridos naquele período no Brasil. Acesse [AQUI!](#)



Segundo esse roteiro, o marechal Castello Branco, um dos líderes do golpe, foi eleito no dia 9 de abril de 1964. Nesse mesmo dia foi decretado o primeiro Ato institucional, que conferia ao presidente da República poderes para cassar mandatos e suspender direitos políticos.

A cronologia dos acontecimentos de março de 1964 demonstra um golpismo liberal de direita contra um projeto de sociedade mais democrático e até certo ponto representativo de demandas dos trabalhadores e dos movimentos sociais. Após o sucesso do golpismo, muitos conspiradores acreditaram que a ordem estava reestabelecida no país e que as “forças comunistas” foram banidas do poder. Segundo esse raciocínio, após a intervenção dos militares a democracia seria estabelecida novamente, agora conforme os moldes da direita. No entanto, a partir de abril de 1964 o que se observou foi um governo com uma política liberal e autoritária que rapidamente se transformaria em uma ditadura e duraria 21 anos.



## O PASSADO NO PRESENTE

### A mobilização da sociedade civil

A marcha da Família, com Deus pela liberdade, liderada por autoridades civis e religiosas, sinalizava o amplo apoio de setores da classe média e alta do Brasil ao golpe.

Em um ato semelhante ao de 1964, no ano das eleições de 2022, após a eleição para presidente, o jornal Estado de Minas mencionou manifestações dessa natureza. No caso, as ocorridas após a eleição que levou à vitória do presidente Luís Inácio Lula da Silva. A reedição das marchas dialogava com uma nova onda de ascensão do conservadorismo



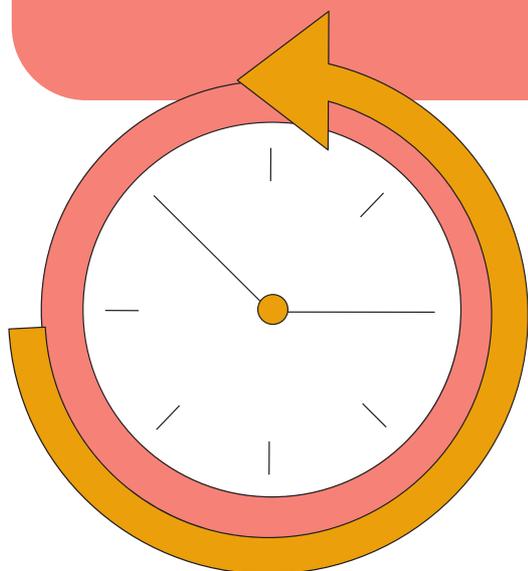
e do populismo de direita, tendo Jair Bolsonaro disputando a reeleição de 2022. Com o título “Bolsonaristas reeditam em BH a marcha que antecedeu o golpe de 1964”, a reportagem destaca: “Apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) fizeram, neste sábado (12/11), em Belo Horizonte, uma reedição das manifestações populares que antecederam o golpe militar de 1964.

O ato de hoje tinha à frente do cortejo uma faixa com os dizeres "Marcha das Mulheres pela Liberdade". O protesto contou com cartazes contra o comunismo, regime associado ao presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT), embora ele tenha sido eleito com o apoio de forças políticas do centro à direita” (Estado de Minas, 2022).



Para saber mais sobre populismo, acesse [AQUI](#).

Para saber mais sobre os ataques de 8 de janeiro de 2023, acesse [AQUI](#).



## A HISTÓRIA NOS JORNAIS



### O Papel da imprensa no Golpe Civil-Militar de 1964

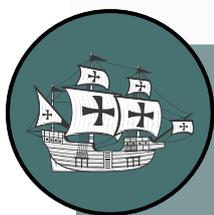
No Brasil, a imprensa sempre teve grande influência no pensamento político de parcela da sociedade. Após João Goulart assumir o governo, a imprensa de oposição intensificou as críticas em suas páginas. Nesse período, sua gestão representava, na visão dos opositores, o “perigo vermelho”, ou seja, o comunismo estava prestes a se instalar no país, ao menos de acordo com os jornais que seguiam uma linha ideológica liberal e conservadora. A partir de 1963, esses discursos se intensificam com apoio de grandes empresas que patrocinavam jornais, como foi o caso d’O Globo.

As críticas às medidas do governo de Goulart eram constantes. O discurso do anticomunismo se intensificou após o anúncio das medidas sociais do governo. Diante disso, o presidente foi considerado pela oposição como inimigo número um do país.

Uma das medidas dos grandes jornais na articulação do golpe e com o objetivo de fazer frente às medidas do governo de Goulart foi a “Rede da Democracia”. Consistia em uma articulação entre os jornais O Globo, Jornal do Brasil e O Jornal, e tinham o objetivo de desestabilizar o governo a partir de publicações negativas e prejudiciais à imagem de Goulart. Em março de 1964, conforme João Goulart promovia comícios para falar sobre suas propostas de governo, os jornais intensificaram suas publicações contrárias aos discursos acusando o presidente de “subversivo”.

Quando as tropas militares se deslocaram para o Rio de Janeiro, alguns jornais comemoraram, afirmando que os militares estavam reestabelecendo o comando do país. O jornal O Globo foi um dos veículos de imprensa que se beneficiou com o apoio ao golpe, pois expandiu os seus negócios e hoje é um dos maiores conglomerados de comunicação do Brasil. Apesar do massivo apoio dos jornais ao golpe, houve também uma imprensa que fez frente aos ataques que Goulart vinha sofrendo. O jornal Última Hora foi um dos poucos periódicos que apoiou João Goulart desde o início do seu mandato. Em suas publicações, era comum as críticas a imprensa conservadora, assim como editoriais em defesa da democracia e da legitimidade do presidente. A grande imprensa, em sua maioria, colaborou para pôr em prática a desestabilização do governo de João Goulart. Alguns jornais, como foi o caso do O Globo, foram financiados por institutos como o IPES e o IBAD. Segundo Juremir Silva (2014), a imprensa cumpriu um papel crucial na preparação do golpe, pois se organizou em torno de uma operação que consistia em desqualificar as medidas de governo de João Goulart, principalmente em torno das reformas de base, que, como visto anteriormente, foi uma das grandes mobilizações do governo de Jango. De acordo com Juremir, o golpe foi midiático-civil-militar, pois sem o empenho da imprensa não haveria legitimidade para a deposição do presidente.

“

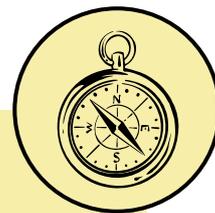


### CONEXÕES HISTÓRICAS

Livro: O golpe de 1964  
Autor: Carlos Fico  
Ano: 2014

O livro de Carlos Fico explora com riqueza de detalhes o período contexto anterior ao golpe e a sua configuração por parte dos militares, políticos, sociedade civil e a conspiração internacional. Além disso, responde a questões sobre como o golpe se transformou em uma ditadura de 21 anos.





## EXPLORE

Vamos explorar alguns mitos?

Primeiramente, entendemos por mito narrativas fictícias, baseadas no sobrenatural, fenômenos da natureza ou acontecimentos históricos alterados.

Durante o período do golpe e posterior ditadura, por algum tempo, alguns historiadores, jornalistas e parte da sociedade acreditaram em uma versão na qual o golpe e a ditadura não foram violentos. Surgiu assim a ideia da “ditabranda”, que sugere que a ditadura e o golpe não foram tão violentos assim. Essas versões são consideradas simplistas. Sobre o tema, o historiador Carlos Fico afirma que: “Assim como o golpe foi violento, ele também contou com o apoio de parte da sociedade. Logo após o golpe, inúmeras ações arbitrárias ocorreram, como prisões sem mandato, interrogatórios violentos e tortura” (Fico, 2014, p.59).

Em 2009, o jornal Folha de São Paulo se referiu aos anos iniciais da ditadura como uma “ditabranda”. Durante este capítulo, vimos que a opinião pública da grande imprensa exerce grande influência na sociedade.

No YouTube, a aula “Mitos da ditadura: usos políticos do passado II”, dos historiadores Marcos Napolitano e Rodrigo Patto Sá Motta, desvenda alguns mitos sobre o golpe e a ditadura. Após assistir à aula dos professores, você conseguirá entender o que é um mito e também por que é importante para os historiadores desvendá-los.

Acesse [AQUI!](#)



## UM GIRO NOS JORNAIS

Chegou o momento de analisar as publicações dos jornais O Globo e a Última Hora para compreender de que forma a mídia realizou a cobertura sobre alguns acontecimentos políticos de 1963, durante o governo de João Goulart, e alguns editoriais do mês de março de 1964, contexto das movimentações do presidente e dos conspiradores golpistas.

# O GLOBO

Figura 19 - O Globo

**Data:** 6 de novembro de 1963.

**Título:** O Problema do Comunismo

**Trecho:** “Desde logo, porém, convém lembrar que a causa de tanto esforço para comunizar o Brasil se prende ao fato de que, sendo o Brasil o principal país da América Latina, quer por sua superfície e sua riqueza, quer por sua população, se encontra em primeiro plano para a estratégia comunista mundial. Se o comunismo conseguir conquistar o Brasil, os seus meios neutraliza-lo, transformado em equilíbrio do continente e, conseqüentemente, do mundo. daí se explica o esforço gigantesco que o comunismo mundial despende para alcançar este intento. No Brasil, o comunismo internacional, dispondo de meios consideráveis, com uma habilidade extrema, continuidade perfeita e circunstâncias externas muito favoráveis, tenta uma operação de envolvimento nacional, cujos efeitos são por demais amplos para serem descritos. Ouve-se dizer freqüentemente que o comunismo no Brasil não tem força, que suas tropas são pouco numerosas e ineficazes, e que o alerta contra o perigo comunista não é mais que um alibi empregado pelas classes poderosas para afastar a possibilidade de qualquer reforma do regime econômico social vigente. É verdade que o perigo de forma alguma se encontra nas próprias forças do Partido Comunista Brasileiro, ou em suas atividades legais e até nas ilegais. Devemos, naturalmente, combatê-lo. Mas concordamos em que, se, com relação ao comunismo, não houver outro perigo mais que as tropas de Luís Carlos Prestes, o perigo será realmente diminuído. Podemos mesmo afirmar que o comunismo internacional, que de Moscou, através de conjunção das forças revolucionárias, deseja certamente que o Partido Comunista Brasileiro não fale muito de si mesmo, e não desenvolva uma agitação excessiva, cujo resultado seria indubitavelmente o de favorecer a reunião de todas as forças brasileiras opostas a ele, o que asseguraria infalivelmente a vitória da Democracia. Não. Para que o plano de Moscou no Brasil seja levado adiante, a primeira condição é a de que se evite a intervenção muito clara do Partido Comunista local. Quanto mais adormecida a Nação, mais tempo terão os assaltantes para prepararem minuciosamente o combate para a posse definitiva. No Brasil, pois, tudo se processa, por assim dizer, de maneira indireta. A condição fundamental do trabalho comunista é a de obter que o Governo o deixe agir livremente. E assim está acontecendo; não se sabe se porque o Governo não acredita na realidade da penetração comunista, através de lenta infiltração nos setores vitais do País — e portanto não tem por trás impedir o sucesso planejado — ou porque a esperança (vá espeçançã!) de merecer, depois dos futuros chefes, a permanência no poder. Não quero opinar por uma ou outra hipótese. Quero apenas dizer e ninguém me pode contestar — que de 2 anos para cá o Governo deixou os comunistas e seus agentes, se infiltrarem livremente em todo o corpo nacional. Com a experiência que adquiriram, os comunistas prosperaram nos setores essenciais e neutralizaram muito as forças de resistência que se lhes opunham. Eles se encontram na “entouraçã” presidencial e todos sabem o papel que essa “ceçã” infame desempenha na vida do País. Eles se encontram no Governo, e cada um pode citar o nome de tal ou tal ministro cuja passagem nessa ou naquela pasta nada mais foi que um serviço prestado à colonização comunista no Brasil. Eles se encontram na alta administração — da Polícia à Universidade — esforçando-se so-

Ao longo do texto, o jornal relata a luta do presidente na Câmara em uma tentativa de implementar as reformas, e reforça a fala de Goulart enfatizando que forças poderosas estavam lutando contra as reformas de base.

## O Problema do Comunismo

Monsenhor Francisco Bessa

**O**UVINDO há poucos dias a rádio comunista de Pequim, em seu programa de língua portuguesa, dirigido ao Brasil, fiquei verdadeiramente convencido de que o que se passa no Brasil é exatamente a execução daquelas lições, melhor ditas, daquelas ordens emanadas de Mao-Tse-Tung. Nesta palestra, o locutor, que, por incrível que pareça, era brasileiro, insistia na linha da tomada do país através da ocupação dos pontos-chave na direção do mesmo. Para ser mais claro, deu o seguinte exemplo: a melhor maneira de se tomar uma fortaleza não é cercá-la, mas nela penetrar, e de lá de dentro irradiar sua ação contra os pontos fortificados, até entrincheirá-los. Como são obedientes os alunos do Planalto ou do Alvorada no Brasil! Um programa de tal ordem, bem preparado e bem executado, vem provar o que dizem as maiores autoridades em assuntos de comunismo mundial, pois os mais competentes observadores da política internacional não concordam em afirmar que, atualmente, o objetivo número 1 do comunismo é a América Latina. Sob que formas leva ele a sua ofensiva, esse programa da rádio de Pequim dá uma amostra clara.

**Porque o Brasil**

Desde logo, porém, convém lembrar que a causa de tanto esforço para comunizar o Brasil se prende ao fato de que, sendo o Brasil o principal país da América Latina, quer por sua superfície e sua riqueza, quer por sua população, se encontra em primeiro plano para a estratégia comunista mundial. Se o comunismo conseguir conquistar o Brasil, os seus meios neutraliza-lo, transformado em equilíbrio do continente e, conseqüentemente, do mundo. daí se explica o esforço gigantesco que o comunismo mundial despende para alcançar este intento.

No Brasil, o comunismo internacional, dispondo de meios consideráveis, com uma habilidade extrema, continuidade perfeita e circunstâncias externas muito favoráveis, tenta uma operação de envolvimento nacional, cujos efeitos são por demais amplos para serem descritos.

**Perigo Disfarçado**

Ouve-se dizer freqüentemente que o comunismo no Brasil não tem força, que suas tropas são pouco numerosas e ineficazes, e que o alerta contra o perigo comunista não é mais que um alibi empregado pelas classes poderosas para afastar a possibilidade de qualquer reforma do regime econômico social vigente. É verdade que o perigo de forma alguma se encontra nas próprias forças do Partido Comunista Brasileiro, ou em suas atividades legais e até nas ilegais. Devemos, naturalmente, combatê-lo. Mas concordamos em que, se, com relação ao comunismo, não houver outro perigo mais que as tropas de Luís Carlos Prestes, o perigo será realmente diminuído.

Podemos mesmo afirmar que o comunismo internacional, que de Moscou, através de conjunção das forças revolucionárias, deseja certamente que o Partido Comunista Brasileiro não fale muito de si mesmo, e não desenvolva uma agitação excessiva, cujo resultado seria indubitavelmente o de favorecer a reunião de todas as forças brasileiras opostas a ele, o que asseguraria infalivelmente a vitória da Democracia. Não. Para que o plano de Moscou no Brasil seja levado adiante, a primeira condição é a de que se evite a intervenção muito clara do Partido Comunista local. Quanto mais adormecida a Nação, mais tempo terão os assaltantes para prepararem minuciosamente o combate para a posse definitiva.

No Brasil, pois, tudo se processa, por assim dizer, de maneira indireta. A condição fundamental do trabalho comunista é a de obter que o Governo o deixe agir livremente. E assim está acontecendo; não se sabe se porque o Governo não acredita na realidade da penetração comunista, através de lenta infiltração nos setores vitais do País — e portanto não tem por trás impedir o sucesso planejado — ou porque a esperança (vá espeçançã!) de merecer, depois dos futuros chefes, a permanência no poder. Não quero opinar por uma ou outra hipótese. Quero apenas dizer e ninguém me pode contestar — que de 2 anos para cá o Governo deixou os comunistas e seus agentes, se infiltrarem livremente em todo o corpo nacional. Com a experiência que adquiriram, os comunistas prosperaram nos setores essenciais e neutralizaram muito as forças de resistência que se lhes opunham.

Eles se encontram na “entouraçã” presidencial e todos sabem o papel que essa “ceçã” infame desempenha na vida do País. Eles se encontram no Governo, e cada um pode citar o nome de tal ou tal ministro cuja passagem nessa ou naquela pasta nada mais foi que um serviço prestado à colonização comunista no Brasil. Eles se encontram na alta administração — da Polícia à Universidade — esforçando-se so-

lamente por afastar a todos os que possam de alguma forma resistir, material ou intelectualmente, à sua gigantesca ofensiva, da qual o País é teatro.

Eles se encontram no actor vital de informação, onde trabalham com toda precaução, mas também com extraordinária audácia, para colocar a opinião pública do País “em condições”, como o dizem os especialistas da guerra subversiva. E assim é que através de certos órgãos de imprensa, o rádio e a televisão, uma militância compacta e adestrada se esforça para convencer o País de que todos os nossos males provêm duma inausultável influência para as soluções de tipo comunista, ou socialistas, como desejam alguns círculos rotulá-los.

Eles se encontram nas Forças Armadas, de onde se eliminam progressivamente os pontos de comando os oficiais mais contrários ao comunismo, trabalho sempre em curso e que irá mais longe ainda.

Eles se encontram enfim em todos os grupos sociais com grande influência na vida nacional: sindicatos, grupamentos profissionais e até mesmo movimentos religiosos...

Creio que não haverá no Brasil quem, tendo acompanhado a vida do País nestes dois últimos anos, tenha dificuldade de aplicar aos fatos que citei os nomes de seus titulares.

**O Governo Conivente**

Esse imenso trabalho de ténitais, que se realiza lentamente, e sobretudo violenciosamente, os próprios fundamentos do Estado, tornou-se cada vez mais eficaz com a atual política do Governo. Este, com efeito, pôs em execução o programa de criar estruturas econômicas que favoreçam o comunismo. E por sua criminosa incapacidade, deixa deteriorar-se gravemente a vida do País, criando desta forma permanente motivo de incivindicações e fornecendo razões suplementares para a propaganda revolucionária.

Só se engana quem quiser. Uma tal ofensiva é o resultado de um plano muito estudado e refletido. Da russos sabem que uma revolução comunista direta e prematura, ou naufragaria por si mesma, ou provocaria reações internacionais, o que desejam evitar a todo custo. Mas os russos sabem também que um trabalho lento de esvaziamento do País, feito de maneira discreta e despercebida, tem muito chance de, durante algum tempo, não suscitar reação alguma. Eles sabem que, quando essa reação aparecer, o edifício estará de tal maneira minado em todos os seus fundamentos, que desmoronará por si mesmo, e eles, comunistas, não terão a fazer mais que levantar as ruínas para sobre elas construir a cidade comunista com que tanto sonhavam.

Não se diga ser isto impossível no Brasil! Entre 1943 e 1948, na Tcheco-Eslováquia, os comunistas, sob a cobertura do Governo Benes, não cego ou tão mau como o Governo Goulart conseguiram pacientemente conquistar o Amago do Estado, começando pelas Forças Armadas e as principais administrações.

Estatamente o que está acontecendo no Brasil.

Quando a situação se lhes tornou suficientemente favorável, um pretexto insignificante lhes permitiu desencadear a revolução. O país estava de tal forma em suas mãos (ocupado anteriormente), sem que disso se desse conta, que lhe foi impossível opor a menor resistência. E assim em poucos dias, ou melhor em poucas horas, a Tcheco-Eslováquia, um país de sistema moderno, rico de uma longa e gloriosa história, se passou para o outro lado da cortina de ferro, nesse mundo de silêncio e despotismo que os comunistas desejariam apresentar como o ideal de vida, de progresso e de liberdade.

**A Iminência do Caos**

Eis o que a passos largos se prepara em nossa Pátria. Aqui está o perigo, muito mais certo do que nas tentativas de golpe de Estado que nossos pequenos Maquiavelas acalentam na mediocridade de seus espíritos. É esta lenta e tenaz conspiração que constitui a trama mesma da história que vivemos em nossos dias.

É ela que o comunismo considera sua principal missão em nosso País, o fim último para a instauração dum regime que será sistematicamente tidas as miras do imperialismo soviético no mundo, que ajudará a passagem de toda a América Latina para o campo comunista, que quebrará irremediavelmente a solidariedade continental, e entregará a Moscou a hegemonia mundial, sonho do comunismo.

Replamos. A subversão do Brasil está em curso por meio de uma gigantesca empresa de infiltração que encontra cumplices em toda parte. Escusos que a torem os lites facilitam o trabalho, costumam de fender-se assegurando que não são comunistas, citando aqui ou ali palavras do Papa. Como se isto bastasse.

É dever indelével de todos os brasileiros, agora mais do que nunca, congregarem-se, unir-se, para enfrentarmos juntos o inimigo comum, que já manda em nossa Pátria.

Não mudamos a lição de que os homens que nos governam possuem um dia se convencer dos reais planos do comunismo mundial em nossa Pátria, plenos atualmente em curso, em plena execução. Não obstante, aqui vai mais este grito de alerta, enquanto ainda podemos gritar e ouvir, ou sermos ouvidos.

É aos nossos patriotas brasileiros do Brasil, e não aos traidores da Pátria, brasileiros de Moscou, que devemos esclarecer o poder que não se deixem conduzir como rebanhos a uma morte mais trível que a morte física: essa morte moral que representa a vida do comunismo no mundo.

Fonte: O Globo

## O GLOBO

**Data:** 31 de março de 1964.

**Título:** A nação unida às Forças Armadas

**Trecho do editorial:** “Em meio à luta que vem travando, na defesa da sobrevivência de suas corporações – ameaçadas pelos golpes assestados contra a hierarquia, a autoridade e disciplina -, os oficiais brasileiros devem sentir-se, ao menos, confortados pela solidariedade de todos os setores da vida nacional, com a exceção daqueles vinculados ao Partido Comunista e ao processo de destituição do regime [...] Todos tem a certeza de que o Brasil não poderá mais suportar que a sombra das liberdades e garantias constitucionais os comunistas e seus auxiliares trafeguem comodamente, preparando o asfixiamento daquelas liberdades e a derrubada da Constituição” (O Globo, 1964, p. 1).

Figura 20 - O Globo



Fonte: O Globo

# ÚLTIMA HORA

**Data:** 16 de maio de 1963.

**Título:** Jango convoca o povo à luta pelas reformas

**Trecho do editorial:** “Ou Fazemos imediatamente essas reformas ou, o país vai retroceder” – está a expressão usada pelo presidente da república ao receber ontem uma comissão de moradores da baixada santista. O presidente fez um apelo no sentido de que o povo insiste em sua luta pelas reformas, uma luta que não pertence a grupos ou partidos, mas, sim a todos” (Última Hora, 1963, p. 4).

Figura 21 - Última Hora



Fonte: Última Hora

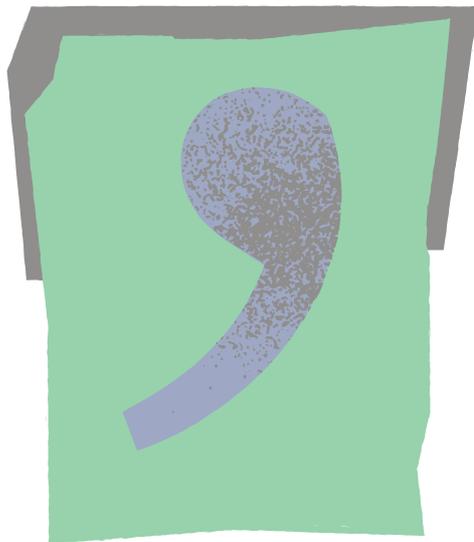


Figura 22 - Última Hora



Fonte: Última Hora

## ÚLTIMA HORA

**Data:** 31 de março de 1964.

**Título:** Eu não permitirei a desordem em nome da ordem

**Trecho:** “O Presidente mencionou as fontes reais da campanha contra ele movida, identificando-as com os grupos nacionais e internacionais atingidos, nos diferentes setores, por sua política de defesa dos interesses populares. O sr. João Goulart, interrompido a todo instante por aplausos entusiásticos dos dez militares presentes, advertiu a todos os reacionários de que eles se enganam se pensam em dividir as Forças Armadas para obterá satisfação de seus interesses” (Última Hora, 1963, p. 1).

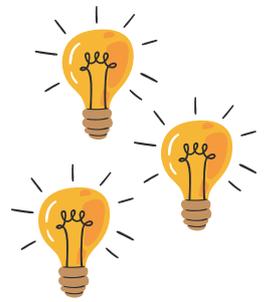
## ANALISANDO AS FONTES

Ao analisar o contexto político de 1963 e 1964 nos jornais, percebemos que o cenário político desses anos proporcionou uma base para a análise da postura da imprensa no período crucial que antecedeu o golpe civil-militar. Em relação a 1963, conforme discutido nos tópicos anteriores, as reformas de base estavam em destaque nos assuntos do governo e também na pauta da imprensa, seja para expressar apoio ou críticas. Da mesma forma, o “perigo comunista” que o governo de João Goulart representava, conforme apontado pelo jornal O Globo, era um tema recorrente.

No ano de 1964, em ambos os jornais, a agenda não se afastou desses temas. Os editoriais de 31 de março do jornal O Globo evidencia o apoio de uma parcela da sociedade às Forças Armadas, argumentando que a presença “comunista” representaria uma ameaça à liberdade e à Constituição. Por outro lado, na Última Hora, o editorial da mesma data esboça a tentativa de resistência de Goulart em relação à divisão das Forças Armadas. No entanto, a essa altura do discurso, o golpe já estava em andamento.



## APLICANDO O CONTEÚDO



1) Compare os editoriais mencionados anteriormente com os temas discutidos nos tópicos 3.1 e 3.2. Analise e descreva as fontes reais dos grupos nacionais e internacionais que se tornaram evidentes como participantes da campanha contra João Goulart, conforme mencionado em seu discurso publicado na Última Hora.

---

---

---

---

---

---

---

---

2) A partir do que foi estudado durante os três capítulos, analise e disserte sobre o porquê a reação da esquerda e dos setores que apoiavam João Goulart não ofereceram uma resistência à altura contra o golpe?

---

---

---

---

---

---

---

---



## FIM DA VIAGEM

Querido estudante,

Foi um prazer ter você conosco a bordo. Durante este livro, foram apresentados os caminhos que levaram ao golpe de 1964, desde as suas conceituações até reflexões historiográficas. Você teve a oportunidade de explorar mais sobre a pesquisa histórica nessa área e como se constrói esses conceitos. Além disso, esperamos ter contribuído para a compreensão sobre o papel da imprensa e da sociedade civil na construção do golpe, aumentando ainda mais seu interesse pelo tema e pela História.

Por fim, esperamos que este estudo tenha proporcionado a você um novo olhar sobre a configuração do golpe civil-militar e a importância de revisitar esse tema em nossa sociedade atual. Desejamos que o conhecimento sobre sites, livros, filmes, documentários e etc. auxilie e enriqueça os seus estudos. Lembrando sempre que estudar História é fundamental para evitar a repetição dos erros do passado.

Bons estudos!!!

A autora

## REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. Cadernos do Tempo Presente, São Cristóvão-SE, v. 11, n. 02, p. 03-26, jul./dez. 2020.

CAPELATO, M. H. R. A Imprensa na História do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Governo João Goulart e o Golpe de 1964: Memória, História e Historiografia, dossiê, 2009.

DREIFUSS, R. 1964: A Conquista do Estado. Ação Política, poder e golpe de classe. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

NAPOLITANO, M. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

MOTTA, R. P. S. Passados presentes: o golpe de 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FICO, Carlos. Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FICO, Carlos. O golpe de 64: momentos decisivos. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. 1964: O Golpe que Derrubou um Presidente, Pôs Fim ao Regime Democrático e Instituiu a Ditadura no Brasil. São Paulo: Civilização Brasileira, 2014.

VILLELA, André. Dos “Anos Dourados” de JK à Crise não Resolvida (1956-1963).in: GIAMBIAGI, Fabio. Et. Al. Economia brasileira contemporânea. Rio de Janeiro, 2011.



© LUANA DOS ANJOS PEREIRA

TODOS OS DIREITOS SÃO RESERVADOS À AUTORA.